



CÂMARA MUNICIPAL DE
VILA NOVA DE CERVEIRA

Contos e Lendas Luso- Galaicas do Rio Minho



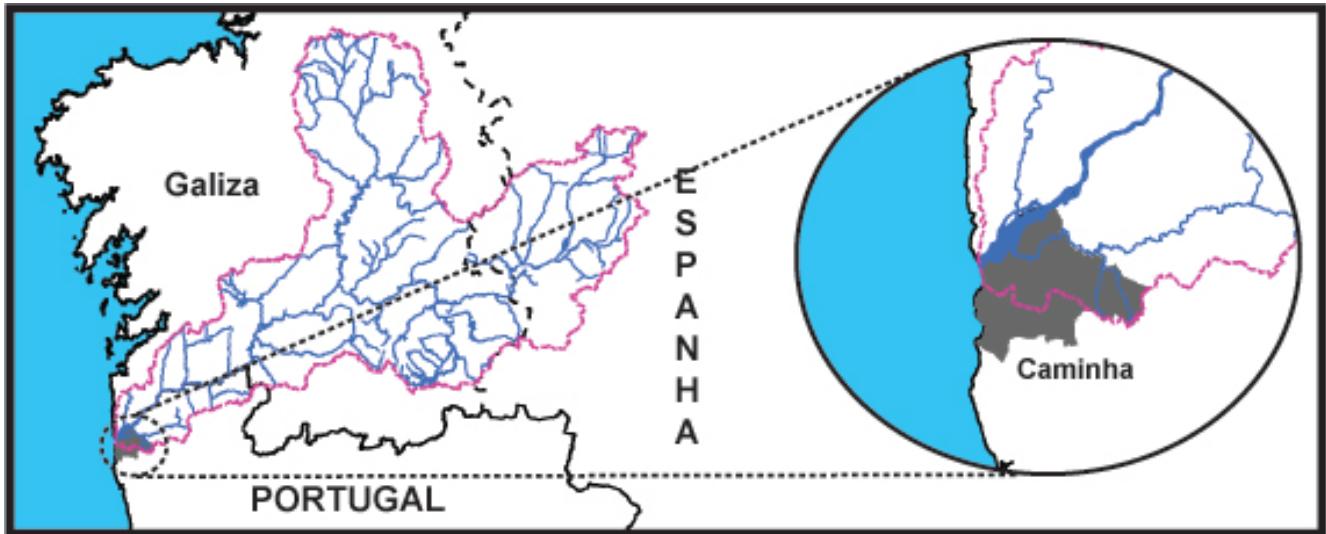
Elaborado por: Patrício Duro Bouça
(Técnico Superior – Biólogo)

Vila Nova de Cerveira, 26 de Novembro de 2009

Índice

Contos e Lendas Lusas-----	2 -----
Lenda da Ilha da Ínsua I - Caminha-----	3 -----
Lenda da Ilha da Ínsua II - Caminha-----	5 -----
Santa Maria da Ínsua - Caminha-----	6 -----
O Lobisomem da Junqueira - Caminha-----	8 -----
As Bruxas Viajantes - Vila Nova de Cerveira-----	10 -----
A Ilha da Boega - Vila Nova de Cerveira -----	12 -----
A Ilha dos Amores - Vila Nova de Cerveira -----	13 -----
São Teotónio a Andar Sobre as Águas do Minho - Valença -----	14 -----
A Porta do Sol - Valença-----	15 -----
As Bruxas do Caminho de Melim - Valença-----	17 -----
A Mulher Marinha - Valença -----	20 -----
O Rio Minho e São Cristóvão - Valença-----	22 -----
Contos e Lendas Galaicas-----	23 -----
A Lenda dos Sete Santos do Río Miño - Baixo Minho-----	24 -----
As Sobreiras de Goián - Tomiño -----	25 -----
Cada Remadela, Sete Léguas - Tomiño -----	28 -----
As Feiticeiras - Arbo/Melgaço-----	30 -----
As Burgas - Ourense/Ribadavia -----	31 -----
As Burgas e a Fin do Mundo - Ourense/Ribadavia-----	33 -----
As Xacias - Pantón -----	36 -----
Se o Río Miño Queda Sen Auga - Pantón-----	38 -----
A Lenda da Virxen e o Neno en Portomarín - Portomarín-----	39 -----
A Lenda do Pozo da Troita - Guntín-----	41 -----
Lenda do Río Miño - Lugo-----	42 -----
A Bruxa do Pedregal de Irimia - Meira-----	43 -----
O Demo no Pedregal de Irimia - Meira-----	44 -----
As Feiticeiras do Río Sil - Rio Sil -----	45 -----
Orixe do Canón do Sil - Parada de Sil -----	46 -----
As Pintas Vermellas das Troitas - O Incio -----	47 -----

Contos e Lendas Lusas



Lenda da Ilha da Insua I - Caminha

C

Contam-se Lendas e milagres acontecidos na ilha. Como o desparecimento dos sargos do mar da insua devido aos insultos proferidos por um comandante da Armada Galega. Diz-se que na ilha não há ratos nem outros animais peçonhentos, segundo escreve Frei Pedro de Jesus: "Tem por grande prodígio outra maravilha e é a de não criar nela animal peçonhento. Se algum chega com as inundações não dura muito tempo. Ao não haver aqui ratos é um milagre que ainda hoje causa admiração".

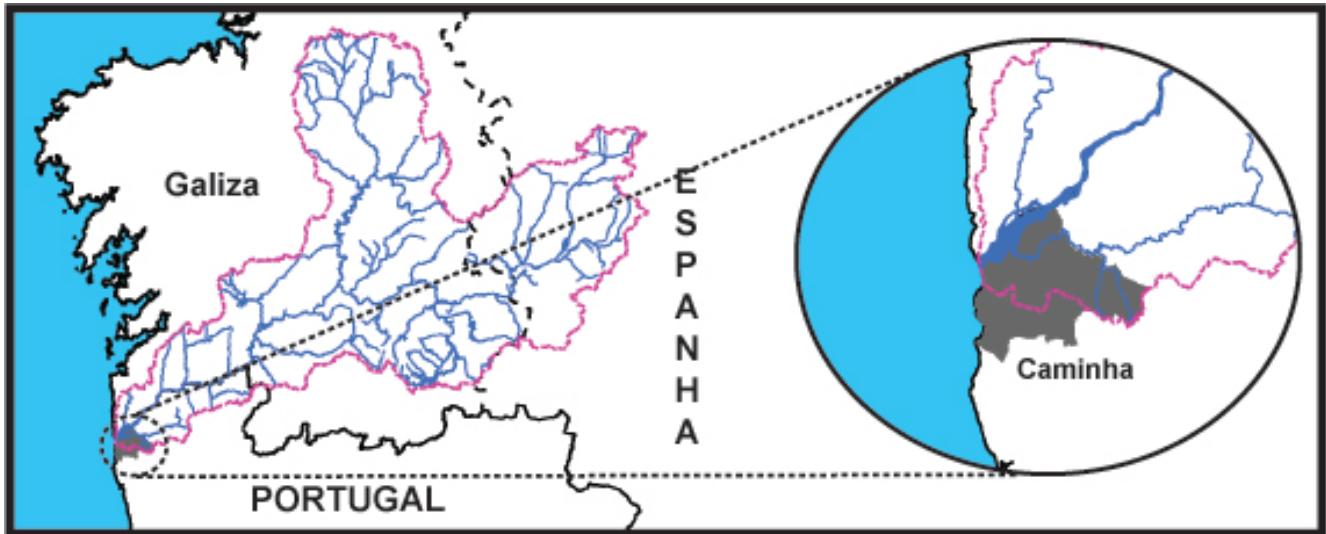
Outra Lenda assinala a existência de um tunel secreto que comunica a ilha com a praia de Moledo, mas ninguém, ainda hoje descobriu a entrada ou a saída deste misterioso corredor.

Contasse que um tal Francisco Gonçalves, pescador e barqueiro da Insua, tinha feito votos a Nossa Senhora de entregar uma lampreia, como esmola aos religiosos, por cada duzia de lampreias que pescasse. Acontece que logo que pescou uma duzia, a seguinte não a deu como tinha prometido, ficando com as treze. Diz-se que nos treze dias seguintes os outros pescadores apanharam muitas lampreias enquanto ele não pescou nenhuma. Neste mesmo sentido, narrasse outra promessa incumprida. A de dois homens que prometeram entregar ao convento a primeira lampreia que pescassem. Mas levados pela cobiça, mudaram de parecer ao comprovar que a primeira lampreia era maior do que as outras, então decidiram entregar uma das outras. Mas tão depressa decidiram trocar, que a primeira lampreia, caiu no rio e veio ter á praia, onde os religiosos a apanharam.

Foi entre outros milagres da zona está o da falta de agua. Os frades viviam das esmolas dos pescadores do rio minho, sem embargo, a falta de agua doce fazia insustentável aquela situação. Conta Frei Pedro de Jesus ("Origem e processo do Real Convento de Santa Maria da Insua de

Caminha"), que "estava Frei Diego Arias imensamente satisfeito da fermosura do lugar, mas tinha o grande desgosto da falta de agua. Escotou-o a mãe de Deus as suas fervorosas orações e entrando num sono profundo, apareceu-lhe a Virgem Maria em forma de uma belissima donzela, indicando-lhe o local onde deveria cavar para encontrar boa agua. Hoje muitos chamam a Fonte Milagrosa".

(www.nortept.com/lendas.aspx?concelho=Caminha)



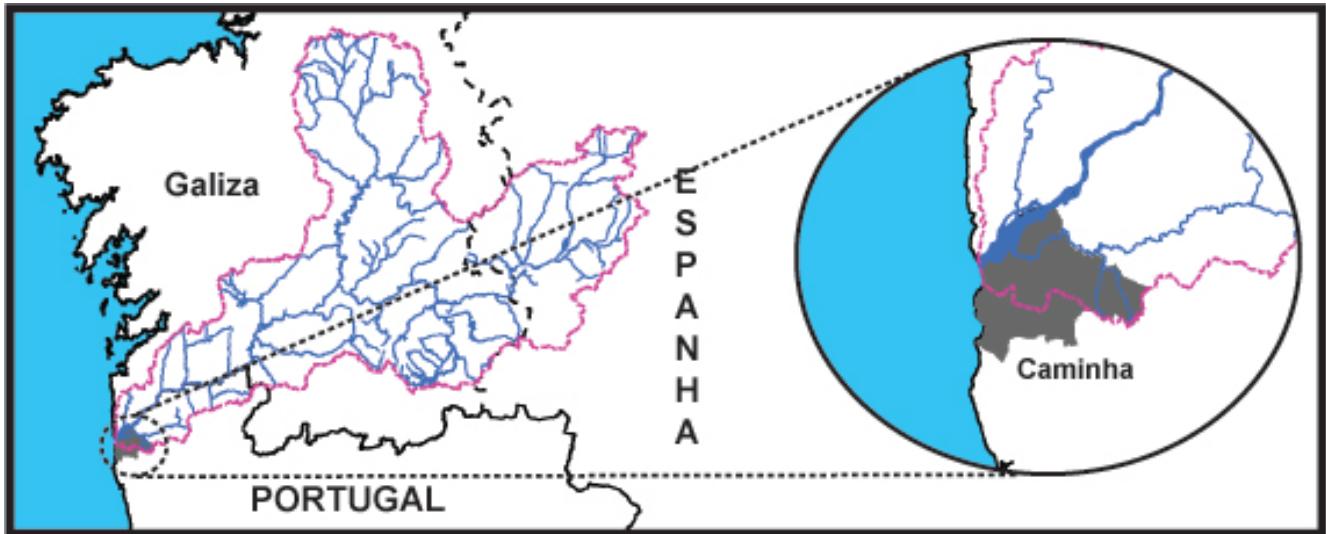
Lenda da Ilha da Ínsua II - Caminha

O milagre da invasão dos corsários ingleses no dia 13 de Outubro

de 1602: Então Frei Jerónimo De São João pegou no Cálice Sagrado e escondeu nas mangas do seu hábito; logo, ajudado por outros frades, retirou a imagem de Nossa Senhora do seu pedestal. Frei Jerónimo de idade avançada, não podia andar á mesma velocidade que os acontecimentos o requeriam, acompanhado pelos demais frades, escondendo-se por detrás de uma rocha, e desaparecendo milagrosamente do olhar dos corsários ingleses que arrasaram a pequena ilha, onde não encontraram ninguem, ao abandonarem a ilha Frei Jerónimo e seus irmãos frades voltaram a ser visíveis.

Outro milagre fala das pedras que antes de cairem em cima dos frades, paravam no ar até que estes se desviasssem da sua trajectória. Ainda o que segundo as crónicas, no convento, e sobretudo na igreja, não se ouvia o mar por muito bravo que tivesse, de maneira a que quando os frades tivessem dedicados a assuntos espirituais, não tivessem inquietos por outras razões.

Num dia de faina marinheiros portugueses e espanhóis que se encontravam a pescar junto á ilha, descobriram uma arca de madeira. Logo disputaram tal achado, tentando puxar a arca para dentro das embarcações. Diz-se que a arca inclinava para o lado português, fazendo com que os marinheiros galegos renunciasssem a mesma. Quando os marinheiros portugueses abriram a arca, comprovaram que no seu interior havia um Cristo no Horto, em madeira policromada, com manto real purpura, coroado de picos e com as mãos atadas, dois cálices de prata e uma custódia. O cristo no Horto seria logo o patrão da Confraria do Bom Jesus dos Mareantes. (www.nortept.com/lendas.aspx?concelho=Caminha)



Santa Maria da Ínsua - Caminha

F

rei Diogo Arias olhou para a pequena ermida solitária, ali junto à foz do Minho, numa língua de areia a querer invadir o mar. O santo frade tinha finalmente encontrado o lugar onde poderia entregar-se a Deus e meditar as palavras divinas. Juntamente com um pequeno grupo de irmãos, aventurou-se até à imagem da Senhora de Carmes e confiou-lhe o seu segredo. Servo do menino que estava ao colo da Senhora, prometeu Frei Diogo que ali ergueria um convento, para, longe do barulho do mundo, entregar-se à sua protecção.

Os irmãos que o seguiam, bem compreendiam e admiravam a vontade e a coragem do seu patrono, mas descreviam das possibilidades de levar a bom termo tal propósito. Afinal, aquele lugar não era tão sujeito aos caprichos e rumores do mar e suas tempestades? Como encontrar ali o sossego? Ausente a vozaria humana, como silenciar a dos elementos da natureza? E como se podia ali viver sem qualquer fonte de água doce?

Frei Diogo pressentia a descrença dos irmãos, mas não via neles qualquer desânimo. O entusiasmo com que levava por diante as obras e a fé que transmitia, iam contagiando, lentamente, todos os frades. – Valha-nos Deus e a Virgem! Era o crédito para todas as dúvidas.

Ao longe passavam os marinheiros e pescadores, os quais, atónitos, iam registrando os progressos das obras. Grande coragem e fé teriam que ter aqueles frades, para desejarem viver tão pobemente, sem comodidade e sem água doce, pensavam os homens do mar.

Acabadas as obras e celebrada a inauguração e dedicação da capela, foram, logo desde os primeiros dias, surpreendidos os frades por tão doce quietude do mar. Mas a surpresa aumentou quando, por mais alterado que

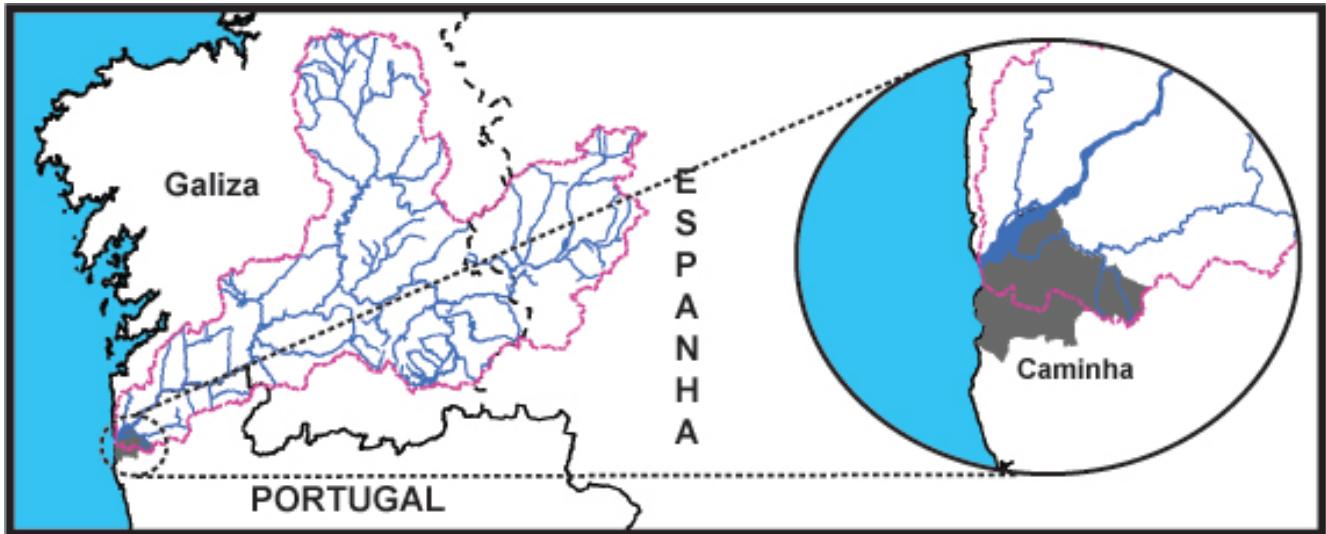
fosse o mar, e a tormenta afasta-se qualquer navegador, dentro do convento, principalmente na capela, não se ouvia qualquer barulho! Era o silêncio um convite à oração, que assim lhes permitia elevar os espírito para as coisas celestes! Aquele era na verdade um lugar protegido e abençoado pela Virgem Senhora da Conceição, que Frei Diogo Árias havia colocado no altar da capela, e que agora recebia o nome do local: Senhora da Ínsua.

E se a alegria e a fé cresciam a cada dia nos corações dos irmãos, ela ficou para sempre fortalecida quando Frei Diogo lhes indicou, a mando da Senhora que lhe havia aparecido em sonhos, um local para escavar. Assim fizeram. Ainda a escavação estava no início, e logo um jorro de água doce a todos maravilhou! Milagre! Foi este o grito entusiasmado e fervoroso de todos, pelo inusitado do local e pela qualidade de água que aí brotava.

Pelas redondezas passou o relato de tal feito milagroso. Todos ocorriam para ver e beber de tão ditosa fonte, vindo esta ser conhecida como “Fonte Milagrosa”, e as suas águas pretendidas para todas as curas.

Junto à imagem, Senhora da Conceição, Frei Diogo Árias agradecia as graças concedidas pela Virgem que, daí em diante, seria sempre a Estrela do Mar para os mareantes e pescadores, e o último remédio para a saúde de todos.

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 39)



O Lobisomem da Junqueira - Caminha

O tio António saiu naquele dia chuvoso para a junqueira, para além da ponte sobre o Coura, mesmo junto da Sr.^a da Ajuda. A necessidade de roçar um pouco de junco obrigava-o a manejar a força e destreza o gadanho que levara junto com a foucinha. Fazia-o como sempre o fizera, mas naquele dia malfadado dia um cão teimoso rondava continuamente e tirava-lhe a paciência.

Sai cão!

Ameaçava com o gadanho levantado. Em vão! De olhos fixos no pobre do tio António, ora ameaçava um pouco, avançando, ora recolhia mais ao largo. Isto sem nunca tirar os olhos do homem que o ameaçava.

- Sai! Olha que te corto uma perna, seu filho da mãe! Ou foges ou não sei o que te faça!

Nada aquilo estava a desesperar o trabalho. O que teria o raio do cão – pensava Tio António – para não temer o gadanho ou a foucinha, e para o fixar com tanta raiva? Agora era o pobre do homem que estava a ficar receoso. Não vira ele tantos cães a fugir diante de uma pequena vara, quanto mais do gadanho! Aquilo já lhe estava a passar o entendimento e, num acto de puro desespero, lançou o foucinho ao maldito cão, fugindo logo de seguida sem olhar para trás. Ainda ouviu um latido dorido, mas, assustado, nem se importou em largar tudo naquele lugar, voltando para casa. A mulher estranhou-lhe o comportamento, mas tio António não estava para conversas. Tão cedo não voltaria à junqueira!

Os dias passaram e outras necessidades se apresentaram. Precisava de uns touros para substituir os que há alguns anos o serviam. Um dia por ocasião da feira de Ponte de Lima, resolveu ir até lá para os comprar. Vestiu

roupa a condizer e partiu, montes fora, na graça de Deus.

Caminhava ele resoluto pelas veredas da Serra d'Arga, não sem um pouco de receio pelo que se dizia dos mediantes daqueles lugares, quando lhe apareceu um senhor muito bem vestido no mesmo trajecto.

- Muito bom dia! Então o senhor o que anda a fazer por estas veredas? Questionou o estranho!

- Venho comprar uns tourinhos a Ponte de Lima.

- Uns tourinhos? Porque não compre uns touros já grandes prontos a trabalhar?

A conversa parecia querer ir longe! Tio António, cauteloso, lá foi respondendo:

- Não, que não tenho lá muito dinheiro! Com o tempo eu vou-os ensinando!

- Não! O senhor vai comprar, mas vai comprar uns bem fortes e grandes!

Mas quem era aquele para lhe mandar fazer seja o que for? Quem é que sabia da sua vida? Aquilo não estava a parecer-lhe muito correcto. E menos correcto lhe pareceu quando o desconhecido o convidou para entrar em sua casa, que ficava por ali perto, para comer!

- Ai isso é que não vou!

- Vai sim senhor! Vá, não tenha medo, pois faço muito gosto em tê-lo à minha mesa!

Ao ver a bela casa apontada pelo desconhecido, e vendo os criados que lhe vinham ao caminho, o tio António, apesar de um certo medo por não o conhecer de lado algum, aceitou entrar.

Entrados na casa, o misterioso homem levou-o à adega, e disse-lhe:

- O senhor conhece aquilo que está ali pendurado?

Com cara de espanto, o pobre do tio António só balbuciou:

- Conheço! Aquilo é meu! É a minha gadanha e o meu foucinho. Como é que vieram aqui parar?

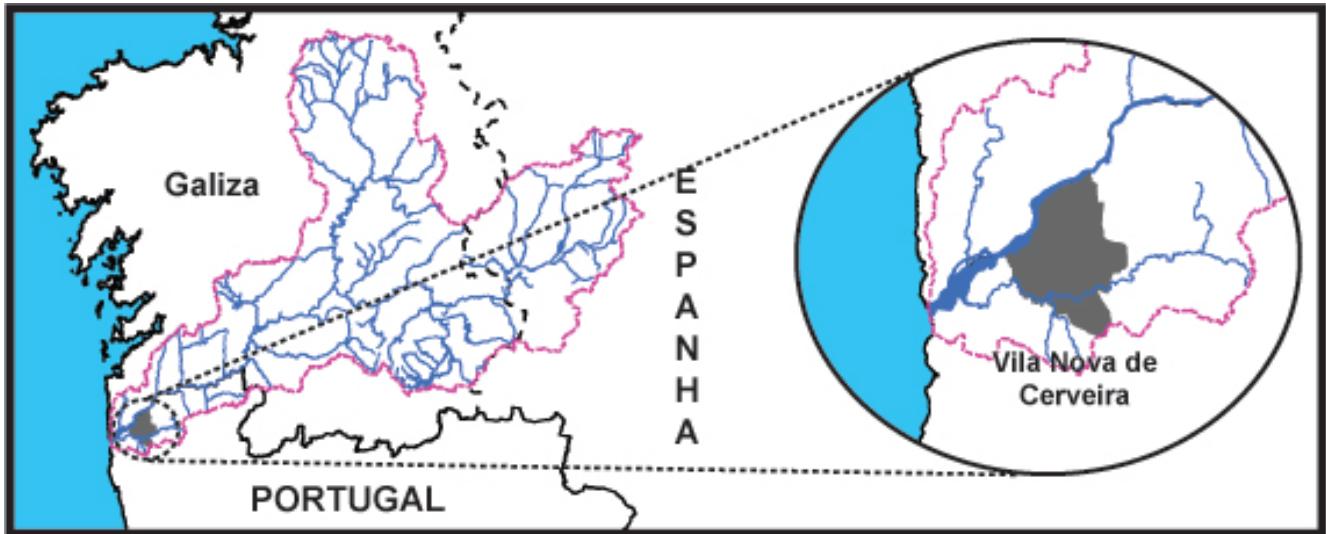
- O senhor não se lembra? Então eu vou-lhe contar. O senhor não andava um dia a roçar juncos na junqueira, e não lhe apareceu um cão?

- Apareceu, apareceu! E eu atirei-lhe com o foucinho, mas deixei-o, pois tive medo que ele me fizesse mal!

- Pois então, meu caro amigo, esse cão era eu! O senhor acabou com o meu mal, libertando-me de tal fada de lobisomem. E agora não vai comprar uns tourinhos... Vai comigo à feira e sou eu que lhos compro!

Lá foram os dois a Ponte de Lima, onde o homem lhe marcou os melhores bois que havia na feira. Depois ainda o acompanhou no caminho até ao alto do monte. Chegado a casa, contou tudo o que lhe passou, e todo o mundo ficou admirado.

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 41-43)



As Bruxas Viajantes - Vila Nova de Cerveira

O

António andava de uns tempos a esta parte preocupado com

o que lhe vinha acontecendo! Ele era um pobre pescador de Lovelhe, ainda jovem, que não fazia mal a ninguém, nem queria mal à mais triste alma. Porque é que haviam de se meter na sua vida? Todos os dias, quando chegava junto do seu pequeno barco para ir à pesca, nunca o encontrava no local onde o havia deixado!

Aquilo parecia coisa do diabo! António andava desconfiado de um grupo de amigos, que, certamente, lhe estavam a pregar uma brincadeira. Mas ele não era homem de brincadeiras! Naquele dia bem olhava para os companheiros a ver se um sorriso, uma palavra, uma atitude os denunciava. Mas nada! A coisa repetia-se de dia para dia e nenhum sinal dos autores. Aquilo não podia continuar! Não só a pescaria andava perdida, como o sono não o visitava há já algum tempo. Tinha de tomar medidas urgentes!

Depois de arquitectar um plano para descobrir os tratantes, resolveu levá-lo por diante: mal se tinha posto o sol, viera pela calada da noite para dentro do barco, deitando-se por baixo das travessas. Depois foi só resistir ao sono e manter os ouvidos alerta ao mínimo ruído ou movimento.

As horas foram passando, e nada de estranho acontecera. No sino da torre da Igreja já estava a soar a meia-noite. Era tarde demais! António estava para desistir do seu posto de vigilância quando começou a ouvir umas vozes ao longe. Mas aquelas não eram vozes de homem! O que ouvia era um grande alarido de mulheres que falavam em voz alta e riam a bandeiras despregadas. Mas que raio era aquilo, perguntou para si mesmo o pobre do pescador! Ficou cheio de curiosidade, mas não saiu do seu lugar, para não

denunciar o plano que tinha, e até porque as vozes vinham na direcção do seu barco.

As mulheres entraram para o barco em grande festa e algazarra. Pegaram aos remos e gritaram:

- Vamos irmãs, vamos aos Brasis, terra do nosso contentamento!

E continuaram a rir e a dizerem as coisas mais disparatadas. Bem escondido, o António nem teve tempo para entender bem o que se passava, pois logo o barco estava a parar e as mulheres, que agora o António entendeu só poderem ser bruxas por remarem assim tão depressa, apesar de as conhecer a todas, lá partiram para o meio da floresta. Olhando pela borda, António viu-as desaparecerem pelo meio da folhagem, cantando e dançando, enquanto levantavam as saias em gestos tresloucados.

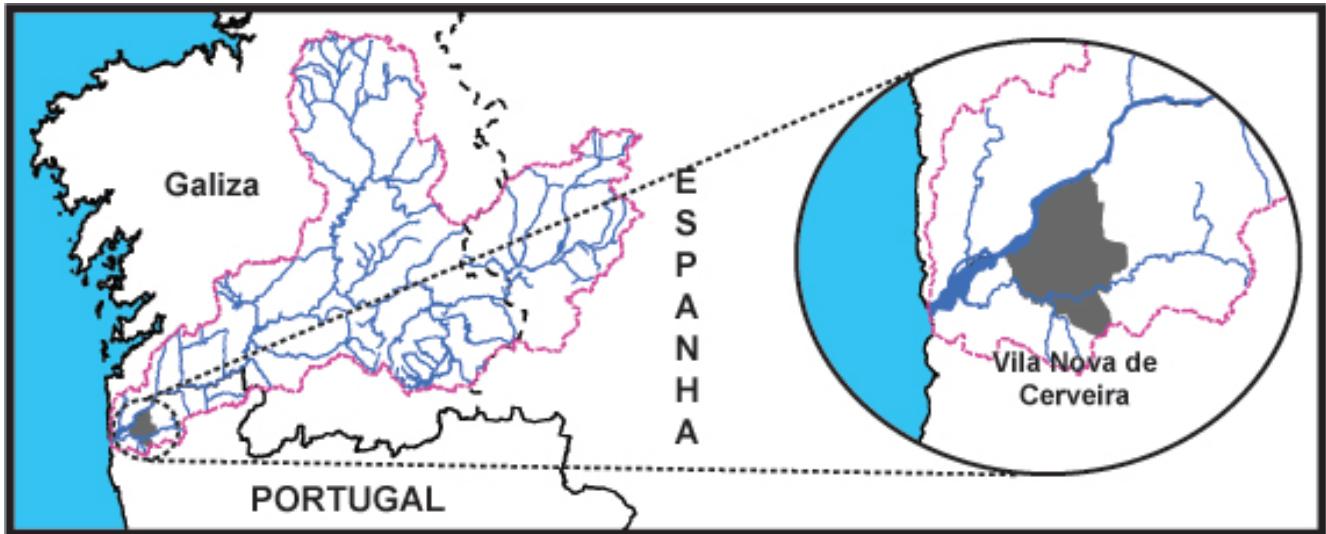
Entretanto fez-se silêncio e o pescador saiu do barco para ver aquela terra que desconhecia, e aquelas plantas e flores que nunca vira antes! Mas com receio das bruxas, logo regressou ao barco, mas não sem antes tirar uma flor que ali estava, cheia de frescura e de beleza. Novamente escondido no fundo do barco, sentiu António o regresso das bruxas e a viagem de volta. Mais uma vez o barco parou, e as bruxas despediram-se até ao próximo encontro. António resolveu ficar mais um pouco de tempo, até que nenhum ruído lhe chegasse aos ouvidos. No silêncio total, ainda noite naquela manhã de domingo, correu o pobre do pescador para casa, com a flor que recolhera no Brasil.

Estava na hora de ir cumprir a obrigação da Santa Missa de Domingo, e António vestiu o melhor fato, colocando no bolso do casaco uma vistosa flor! Era a que recolhera durante a noite! Na igreja todos, notaram a flor de António, mas ninguém estava tão preocupado como um grupo de mulheres que estava no canto esquerdo, mesmo ao fundo da Igreja. No fim da devoção, já quando regressava a casa, uma delas foi ter com o pescador, e avisou-o:

- Se contas a alguém quem somos, o que viste ou ouviste, és um homem morto!

Aquilo assustou deveras o pobre do António! Depois daquele dia nunca mais o seu barco mudou de sítio, mas também ele nunca disse a ninguém o que se passara. Só quando a última das bruxas morreu é que resolveu contar aquela estranha aventura e o nome das bruxas.

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 207-208)



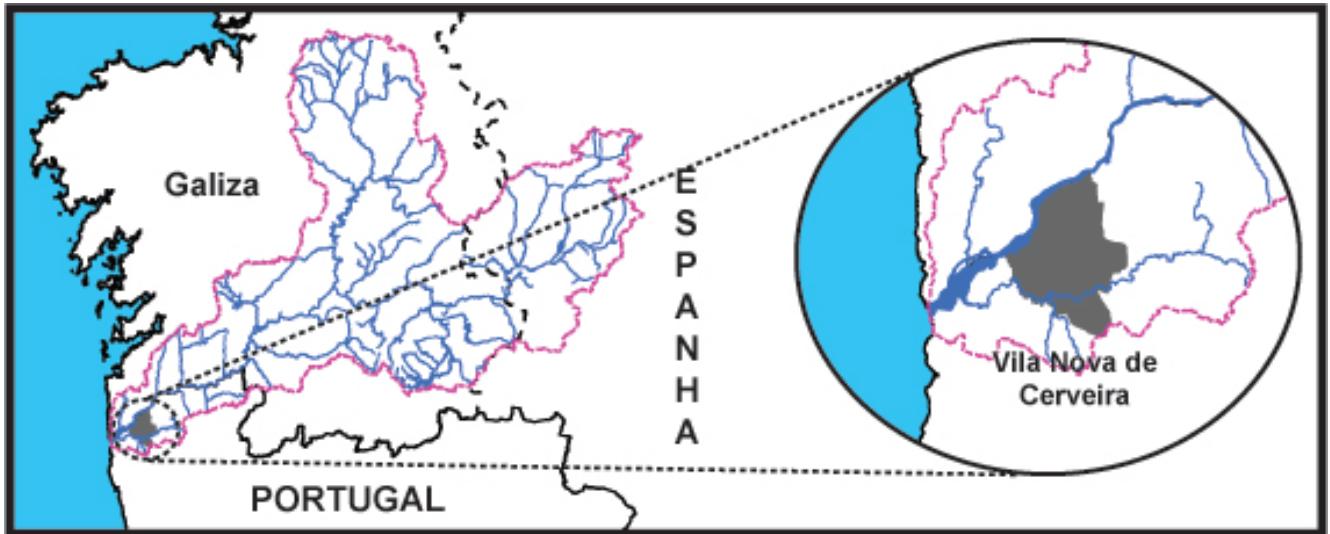
A Ilha da Boega - Vila Nova de Cerveira

A

Ilha da Boega – localizada mais acima da Ilha dos Amores, encerra uma lenda. Criada de faias, choupos e salgueiros e cultivada de cereais e com criação de gado, reza a tradição que nela habitavam um velho com seu neto, cuidando do gado e da agricultura.

Ora, o rapazinho dirigia-se ao velho, de nome Ega, chamando-lhe de “Bô” (abbreviatura infantil de avô). E, assim, ficou designada a ilha como ... Ilha da Boega.

(Pereira,C. 2009. “Por Caminhos” de Vila Nova de Cerveira.pag.17)



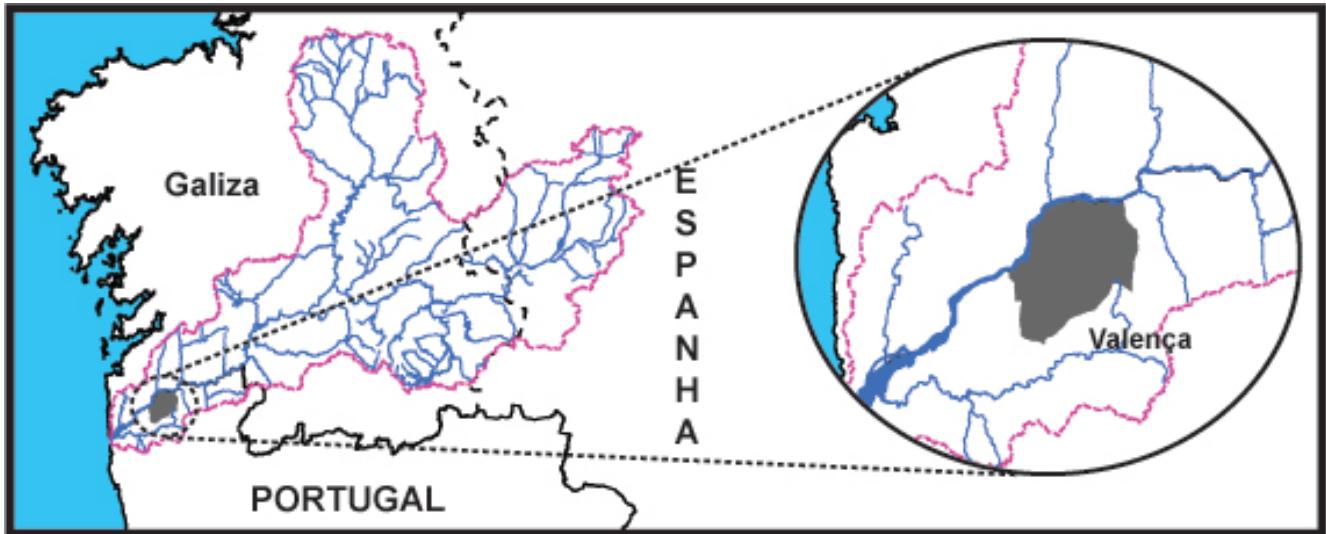
A Ilha dos Amores - Vila Nova de Cerveira

Relativamente a esta ilha existe uma lenda. Assim, a montante do rio Minho, frente a Gondarém, situa-se uma pequena ilha com cerca de trezentos metros de comprimento por cem de largura, tida ela atapetada de relva e flores silvestres e coberta de árvores onde pássaros chilreiam, pombos e rolas nidificam e arrulham.

Conta a lenda que essa ilha abrigou um casal de amorosos, ele português e ela espanhola, que nela se refugiou para exprimirem os seus desejos e trocarem juras de amor, já que seus pais se lhes opunham e contrariavam a união.

Não se sabe o fim da história desses amantes clandestinos. O que se sabe é que o seu romance se propagou, dando origem ao nome poético da ilha que, desde então, passou a ser apelidada por portugueses e espanhóis como ... Ilha dos Amores.

(Pereira,C. 2009. “Por Caminhos” de Vila Nova de Cerveira.pag.18)



São Teotónio a Andar Sobre as Águas do Minho - Valença

N

um dia de festejos na vizinha cidade de Tui os pais de São Teotónio foram até à vizinha Galiza à romaria. Teotónio ficou em Ganfei, segundo a crença popular, a tomar conta das searas de centeia não deixando os pássaros apossar-se do cereal. Mas o gosto por ir também até à romaria tudense levou Teotónio a meter os pássaros todos no caniço. Com um simples assobio atraiu os pássaros até ao caniço onde ficaram fechados e Teotónio liberto da tarefa de tomar conta das searas.

Chegado às margens do rio Minho não esperou pela barca de passagem colocou o casaco nas águas do rio e atravessou até à outra margem. Os pais quando o encontraram em Tui disseram-lhe:

- Teotónio a estas horas já os pássaros comeram todas as nossas searas de centeio.

Ao que Teotónio respondeu:

- Os pássaros estão todos no caniço, estejam descansados.

Preocupados os pais perguntaram-lhe:

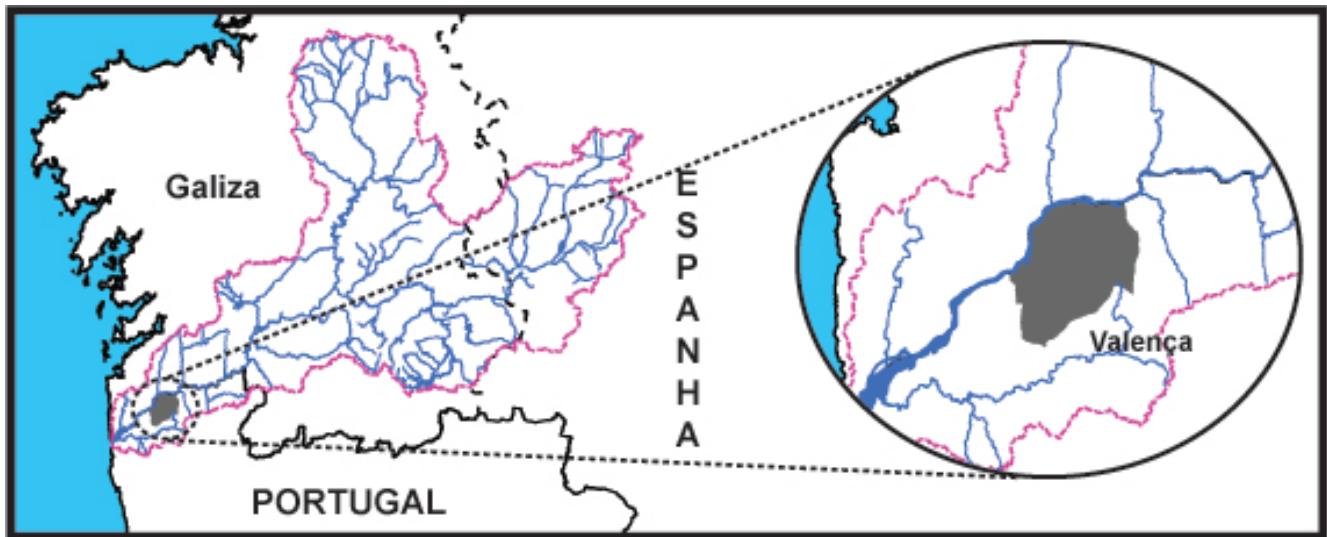
- Como atravessas-te o rio?

- Em cima do meu casaco.

Respondeu Teotónio.

Os pais ficaram incrédulos, mas no regresso confirmaram o dom divino de Teotónio ao atravessar o rio Minho, de regresso a Ganfei, em cima do casaco sobre as águas.

(www.nortept.com/lendas.aspx?concelho=Valenca)



A Porta do Sol - Valença

N

a terra de Valença que reclama de Ulisses e de Viriato a fundação, e que outrora também se chamou Contrastá, vivia uma princesa que por ser tão bela, valente e pura, herdou o nome desta esplendorosa terra. Contrastá era uma das duas princesas filhas de um rei muito velhinho que aqui reinava.

A beleza da princesa era exaltada pela paisagem verdejante que a rodeava, de tal forma os montes e vales ostentavam uma fertilidade generosa. Parecia que a natureza se prolongava no brilho que os raios de sol reflectiam no olhar de Contrastá. Por todas estas maravilhas, cada dia que passava, a princesa era mais cobiçada por todos os que conheciam o perfume da sua presença.

Ora um dia, um terrível príncipe Mouro que por ali passava, não conseguiu resistir aos seus encantos. Juntou numeroso e experimentado exercito, e atacou a paz e a alegria dos que ali moravam. Travaram-se duras e difíceis batalhas, foram dias e dias de sofrimento atroz, de lutas e cruéis chacinas, até que o rei cansado pela sua velhice, e triste por se ver incapaz de suster o avanço do Mouro, fugiu envergonhado, refugiando-se em seus frondosos jardins, que circundavam todo o palácio.

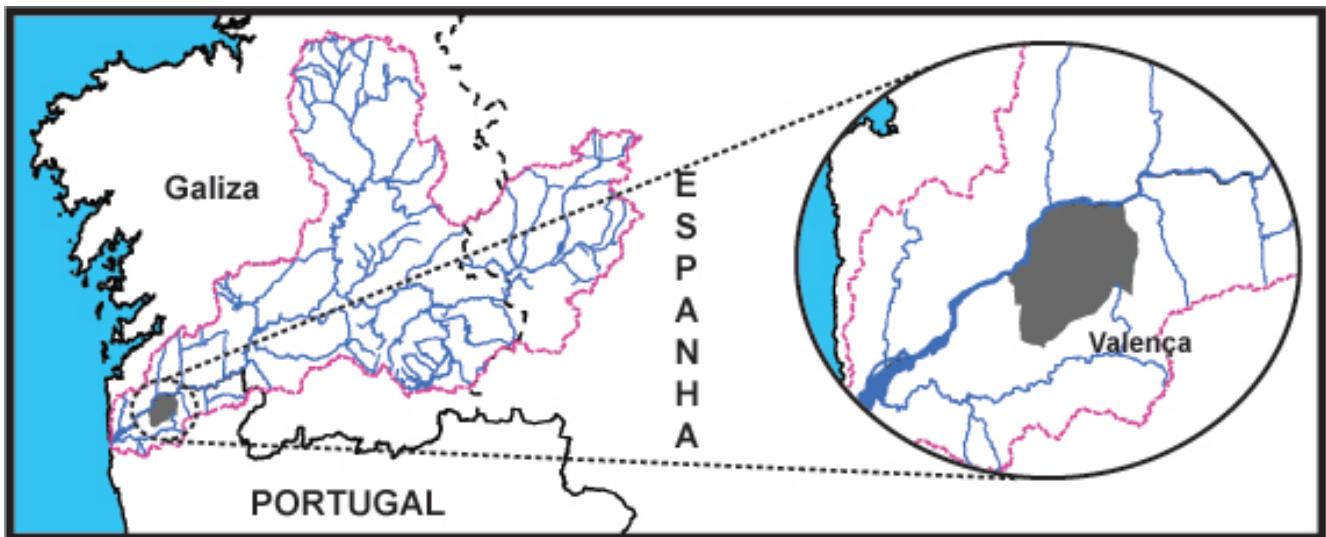
Escondido no meio das flores, o pai de Contrastá viu pétala a pétala..., folha a folha..., as flores a cair. E, ao cair, as pétalas transformaram-se em pedras, que, sobrepondo-se, formaram grandes e nobres muralhas que sepultaram o cadáver do nobre rei, transformando a sua sepultura numa fortaleza dominante e intransponível.

O príncipe Mouro queria encontrar o velho rei para reclamar a glória da vitória, bem como as riquezas do palácio e a mão de Contrasta. Mas apesar de percorrer no seu corcel toda a muralha que entretanto se formara, não encontra qualquer indício do rei nem das riquezas! Levado pela ira e furioso por se ver sem despojos, bate em retirada, destruindo tudo o que encontra pelo caminho. Estava quase a sair da fortaleza quando encontra a princesa mais nova. Esta fita-o com um olhar sofrido, desamparado de toda a força, apesar de nele soltar-se ainda a ternura que lhe ia no mais íntimo da alma. Não se abandonou a qualquer escrúpulo o príncipe tresloucado, que mal viu a jovem, pegou na espada para a trespassar friamente, levando a princesa à morte cruel e dura. Foi de tal maneira cruel o gesto, que a própria natureza sentiu aquele grupo covarde. Os pássaros voaram sobre o cadáver da princesa moribunda cantando e falando como nunca os homens tinham alguma vez escutado: "Tu ó bela, que tanto nos acarinhastes..., Tu serás a Rainha do Sol!" Naquele mesmo instante o dia, antes de tenebroso e frio, transformou-se em intenso sol ardente, que a tudo iluminou, envolvendo a princesa em mil sóis. Quando a luz brilhante foi perdendo força, havia desaparecido o corpo da jovem, agora transformado num belo portal a que depois chamaram de «portas do sol».

Entretanto, aos gritos da irmã mais nova acorreu aflita Contrasta, princesa herdeira do reino vencido. O Mouro ao ver chegar a sua antiga paixão não teve coragem para suplicar o perdão ou forças para justificar o seu gesto bárbaro. Perdido da razão e desejoso por dar fim a jornada tão violenta, pegou naquela que vira desaparecer a irmã e levou-a para junto de uma frondosa árvore. Ali acabou o que antes havia começado: martirizou Contrasta, deixando-a em lenta agonia debaixo da árvore que muitas vezes lhe servira de sombra repousante. Caíam-lhe as folhas sobre o rosto desfalecido, segredando-lhe baixinho: "Serás coroada..., serás coroada, tu que foste uma princesa valente e tão bondosa!"

E sobre as «portas do sol» desceu a coroa que lembra como a barbárie destruiu bondades e belezas tão prometedoras. Aquelas que a natureza protegeu pela beleza e graça, alcandorando-as aos lugares de destaque, não ficaram sem que a mesma natureza desse resposta ao actor do hediondo crime. Todas as forças se uniram para lançar o guerreiro Mouro no fundo do vale, transformando-o em rio. E ainda hoje corre aquele a quem chamam de Minho, vergado aos pés das princesas assassinadas. Por vezes bem ele procura alcançar os mouros da fortaleza, como suplicando perdão pelos seus actos, mas lá volta ao seu leito, resignado pelo poder e beleza das «portas do sol».

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 161-163)



As Bruxas do Caminho de Melim - Valença

H

Havia uma chã muito grande, adiante da Quebrada que ia para Melim, que tinha muita má fama. O povo não se cansava de contar o que por ali se passava.

Acontece que um dia, mandou uma mãe aos seus filhos buscar o correio ao lugar de Melim, pois soubera que o marido que estava no Brasil lhe havia escrito. A viagem ainda era longa, cerca de meia hora, e a noite estava a cair.

- Ó meus filhinhos, vós não ides buscar a carta do vosso pai?

- Vamos mãe! – responderam prontamente as crianças, desejosos das novidades frescas do pai, e com vontade de obedecer à mãe.

- Atenção que não vades ali por baixo, por aquela chã. Ide por cima!

Mas os miúdos, desejosos de cumprir rapidamente o caminho, não deram ouvidos à mãe, e foram pela chã. À ida para Melim, quando ali passaram, ouviram dois estouros, mas nada viram. Quando regressavam e chegaram à chã, viram duas mulheres à sua frente. Estavam as duas a dançar, vestidas de vermelho, ora virando para um lado ora para o outro, etc.

Os rapazes viram naquilo obra do diabo, e disseram:

- Mas que putas são estas que estão aqui a dançar? Quem vem lá?
- Olha a tia Isaura também está aqui a dançar! – a bruxa tinha-se representado numa mulher que conheciam.

- Ó Quim – disse o mais velho, de nome João -, vamos embora daqui! Se eu soubesse que isto ia acontecer tinha trazido comigo um pau para lhes cair em cima.

Mas quanto mais eles subiam o caminho, mais elas trepavam atrás deles.

- Isto são como burros a trepar – disse um dos irmãos, antes de chegar a casa, abafadinhos de tanto fugir e ainda com as risadas das bruxas nos ouvidos.

Vendo-os neste estado, a mãe bem lhes lembrou do aviso que lhes fizera:

- Eu não disse para não seguirem o caminho da chã? Eu sei que ali se juntam as bruxas todas das redondezas, porque já as vi ali! E lá contou aos filhos o que vira:

Era eu ainda novinha e fora lá abaixo ao campo tapar umas poças para no outro dia ir regar. Então ouvi-as falar. Eram seis, e diziam umas para as outras:

- Bom, agora quando é que embarcamos para o Brasil?
- Eu também quero ir, - respondeu uma delas imediatamente.
- Vamos lá ver se o que manda no barco consente, porque eu ando prenhe. Não sei, vamos lá a ver...
- Amanhã vamos falar com ele!

No dia seguinte iam a entrar para o barco e diziam umas para as outras:

- Se andar, é esta noite...

Elas eram quase todas casadas e iam para o Brasil para se divertirem...

Então o barqueiro – que era o diabo – disse:

- Entrem todas para irmos embora... - Entraram todas mas o barco não seguia viagem. O diabo bem dizia que o barco não ia, e perguntava se alguma estava grávida. Ao que todas responderam que não! O diabo contava as presentes, mas a barca não se mexia. E só quando, por fim, acrescentou mais um aos que via, o barco parecia que desaparecia, tal era a velocidade:

- Ai que morremos aqui todas, - gritou uma mais nova, que não estava habituada aquelas andanças.

Chegadas ao Brasil foram ao folguedo. Quando voltavam para vir embora, uma delas disse:

- Agora vamos cada uma buscar o seu ramo.
- Deus te livre de fazer isso! – respondeu-lhe o diabo – Não vês que os ramos podem denunciar o que fazemos?

Mas a bruxa, nas escondidas, lá pegou num pequeno ramo e, quando encontrou o namorado, ofereceu-lho. No dia seguinte o namorado colocou o ramo ao peito, e foi com ele à missa. As outras bruxas também foram à missa. No fim das cerimónias, ao sair da porta da igreja, foram ter com o namorado da amiga e disseram-lhe:

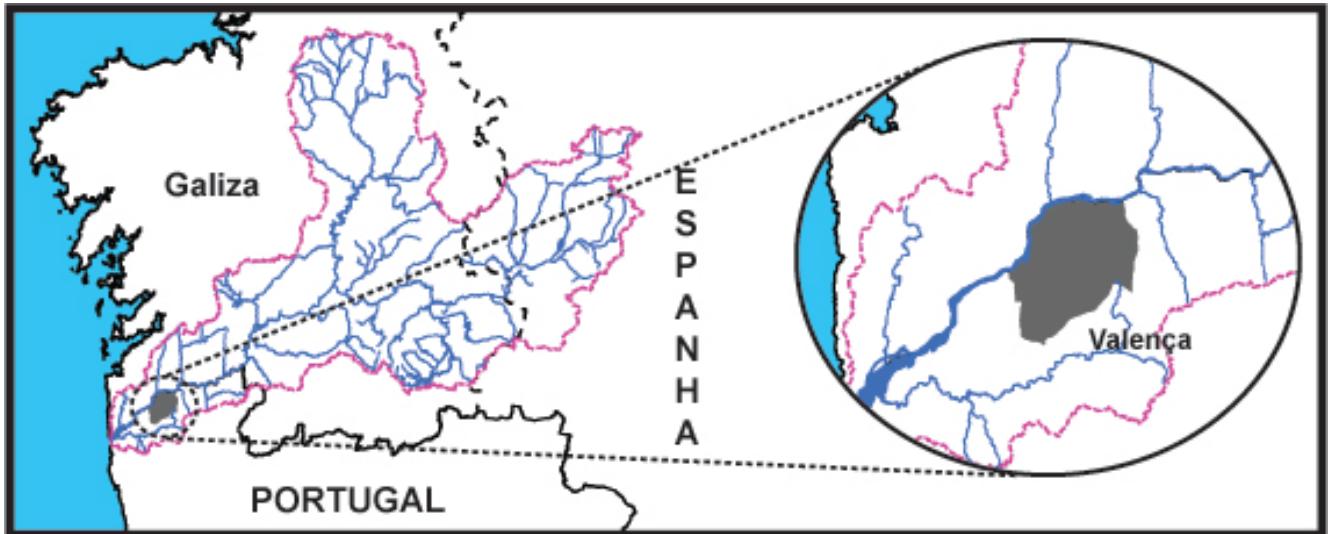
- Tira isso daí! Ouviste? Se não o tirares, não passas de hoje!

O pobre rapaz, virando-se para a noiva, só disse:

- Então porque é que mo deste? Mas que namorada eu tenho!
- Dei-to para o guardares, e não para o mostrares a toda a gente.

A partir daquele dia o jovem não quis saber mais da namorada, por desconfiar daquelas ameaças tão misteriosas.

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 165-167)



A Mulher Marinha - Valença

H

á muitos anos, por alturas do repovoamento destas terras conquistadas aos mouros, houve um Senhor de nome Froião, rico-homem da terra a que deu o nome, sendo D. Froiliano o primeiro da estirpe. Era ele senhor do Castelo de Froyão.

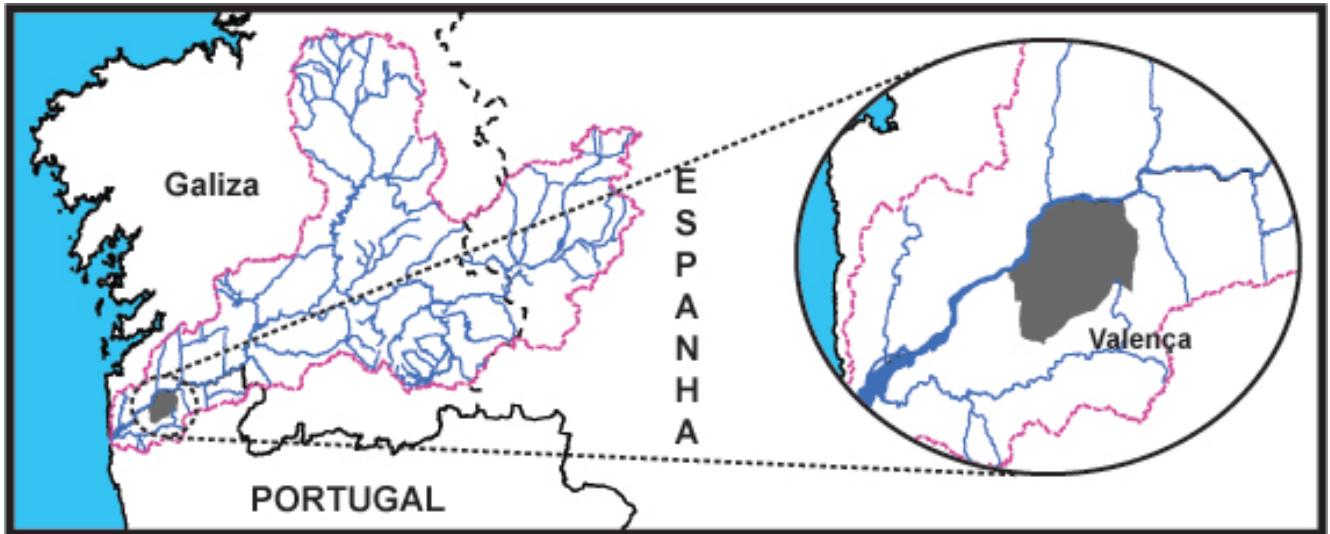
Um dia, partiu o ilustre Senhor pelos seus montados com três escudeiros, em busca de caça. Cavalgando pelos montes e vales da sua terra, juntavam e matavam uma enorme quantidade de animais com que organizavam grandiosos festins no castelo. Era freqüente encontrar o javali, a corça, o veado, etc., que eram o regalo dos caçadores. Mas naquele dia, junto ao rio, D. Froião e os que o acompanhavam tiveram uma visão deslumbrante e inusitada: uma belíssima mulher dormia sobre a erva, mesmo na borda da água! Perante aquela visão, concluíram todos que se tratava de uma mulher marinha. Já ouvira D. Froião falar dessas mulheres, mas nunca tinha alguma vez visto uma delas. Ali estava uma mulher marinha dormindo. Mandou o fidalgo parar todo o séquito. Desceu da montada e, impondo silêncio a todos, desceu ao rio para ver melhor a mulher que o deslumbrava.

A mulher marinha sentiu os passos do fidalgo, acordando logo de seguida. Ao ver D. Froião, que se aproximava, e os seus três escudeiros, quis recolher ao mar, fugindo daqueles que desconhecia. D. Froião compreendeu as intenções da mulher marinha, chamou os escudeiros e, juntos, foram em sua perseguição, apanhando-a antes que ela se acolhesse no mar, seu lugar próprio.

Depois de a ter apanhado e de a ter coberto com o seu manto, mandou que a colocassem sobre uma besta, levando-a de seguida para o castelo. Por onde passava todos admiravam a beleza daquela mulher. Os olhos de D.

Froião, iluminados pela formosura da mulher marinha, deixaram-se conquistar, obrigando o coração a entregar-se àquele amor misterioso. No desejo de desposar a que roubara ao mar, D. Froião fez batizar a mulher, dando-lhe o nome de Marinha, porque saíra do mar. A partir do seu batismo chamaram-lhe D. Marinha, nome que deixou marcado nas terras onde passou a viver com o seu amado Senhor.

(Associação de Municípios do Vale do Minho. 2002. Lendas do Vale do Minho. pag. 183)



O Rio Minho e São Cristovão - Valença

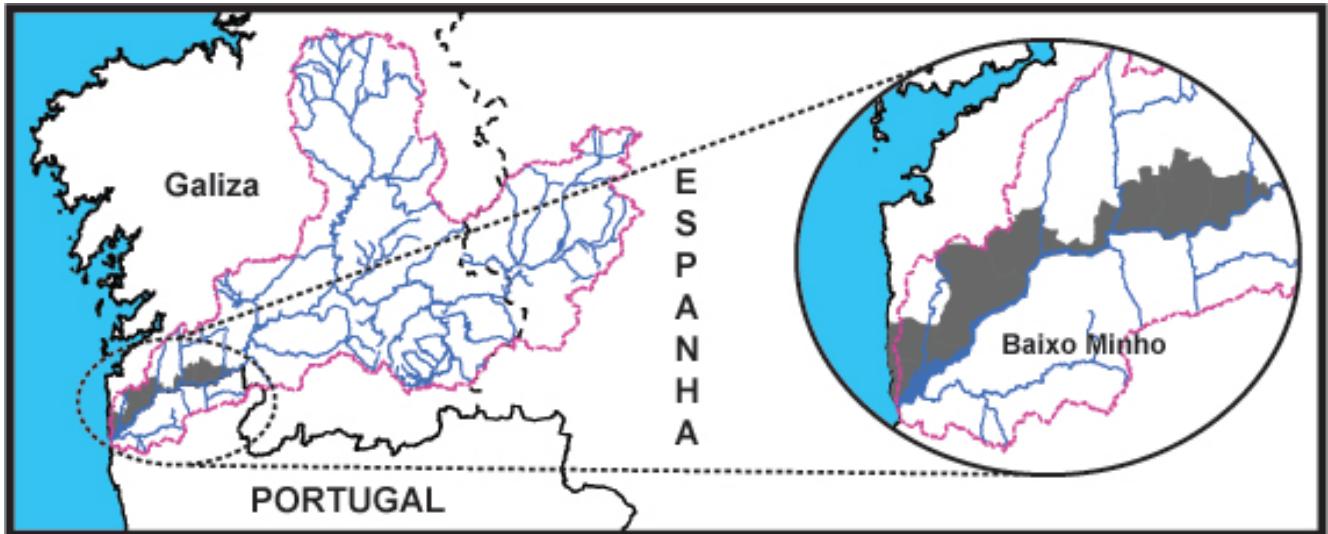
O rio Minho tem associadas, na sua passagem por Valença, várias lendas e tradições. Uma das mais conhecidas associa-se à figura de São Cristovão e ao papel que desempenhou nas travessias do rio antes da existência das barcas.

A tradição local conta que Cristovão, homem de elevadíssima estatura, transportava aos ombros todos aqueles que pretendiam atravessar o rio. Passou novos e velhos, ricos e pobres e até uma criança, que veio a saber-se ser o Menino Jesus, que quis experimentar a fé e a lealdade do bom gigante.

O povo conta que até com o aparecimento das barcas os préstimos de Cristovão continuaram a ser muito úteis. O bom gigante continuou a carregar as almas daqueles que, após a morte, tinham de peregrinar até Santiago, em especial os que não tinham tido a sorte de levar no caixão as necessárias moedas para pagar a travessia ao barqueiro. É que, de acordo com uma velha tradição minhota, todo o bom cristão deveria ir, pelo menos uma vez na vida, como peregrino a Compostela. Se o não fizesse em devida altura, tinha de lá ir como defunto, num trajecto em que era necessário atravessar sete rios, o que acarretava pagar ao barqueiro. A sua acção foi tão profícua que os povos em redor do rio até o escolheram para padroeiro de uma das suas paróquias: Gondomil.

(www.cm-valenca.pt/vln/vmd.download_agenda_municipal?p_file=241)

Contos e Lendas Galaicas



A Lenda dos Sete Santos do Río Miño - Baixo Miño

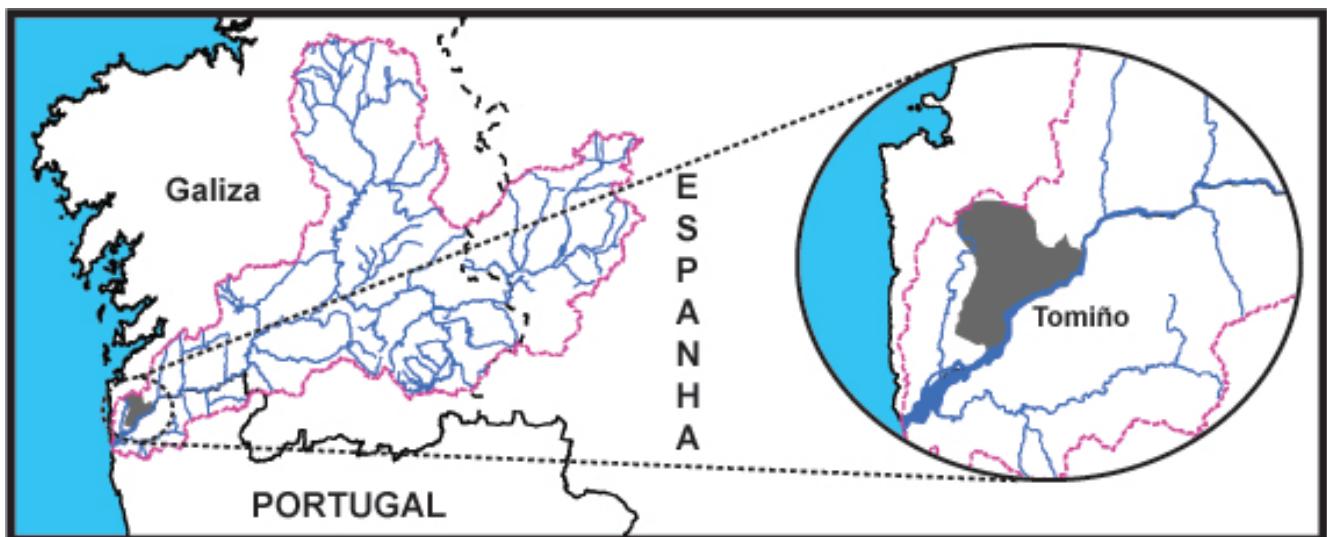
Polas augas do río Miño baixa esta fermosa lenda das súas riveiras,

que van, de montaña en montaña, por outros picos que dominan a súa conca. Alá enriba, a visión do Paradanta e de San Mamede, San Xulián do Monte Aloia e Santa Tegra, derramándose ata as vegas da riveira.

Cóntase que un día recorrián estas terras do Baixo Miño os sete santos irmáns, San Felipe, San Pedro ad Vincula (San Fins de Arbo), San Marcos, San Mamede e San Telmo. Este último, San Telmo, afoga o bañarse no río Miño. Co fin de ver pasar o cadáver entre a corrente do río e poder así rescatalo, suben todos as más altas montañas do lugar, menos San Marcos, que queda so nun pequeno alto, moi preto da Estación de Arbo, co fin de velo pasar antes e recollelo; pero o cansanzo fai que se quede dormido e mentras tanto pasa o corpo de San Telmo que soio flota cando o río se remansa nas Veigas do río Louro, na desembocadura deste río.

O remansarse vese como do afogado sae un halo luminoso que fai que o vexan os outros santos, que así baixan das montañas, quítano da auga e danlle sepultura en Tui, ademais convírteno no patrono da cidade.

(www.rios-galegos.com/lendas.htm)



As Sobreiras de Goián - Tomiño

M

anoel viñera dos bosques de sobreiras portuguesas, afastárase da súa terra cando unha chuvia de feridas caía incesante, coas pingas derrotadas dunha escura cor tinguida, a praga dos incendios forestais, o que el chamara a fin do seu mundo, agora remaba un carocho nas terras do baixo Miño.

Un día o seu remo bateu contra un corpo estrano, ollou cara o leito fluvial descubrindo o corpo dunha muller flotando na auga, semellaba morta mais achegou os seus brazos con forza ata erguela na súa barca descubrindo a silueta dunha muller peixe, tan diferente coma fermosa. Asombrado por aquel ser fantástico, e sen saber que facer conduciuna ata unha das illas miñotas ancorando a barca e deitando a muller peixe nunha charca.

Estará morta? preguntábase manuel, así que só por sabelo achegou a súa orella ata o peito da muller cando escoitou un diminuto latexo esvaecéndose entre as pinguiñas de auga que moraban en aquel lugar, vivía, algo tiña que facer. Remou con forza na percura dun remedo, achou filantro e mirabeles que despois de debullalos coa súa boca esprimiuños para que o zume esbarase polos beizos da muller, mentres collía as súas mans inmensamente frías, mirando para a súa cara que defendía a tristeza.

Pasaron os días e aquel ser foi gañando a cor, abriu os ollos de súpeto e tentou fuxir por medo daquel barqueiro, pero axiña permitiu que se achegase mentres se bañaba nas beiras do río. Quen es tu? preguntou Manoel. Ela, cunha estrana voz que semellaba nacida do mesmo río, tinguido tal vez as arpas fluviais, contoulle que era unha xacia refuxiada, unha muller peixe que

fuxira de Ervedeiro, o mundo dos érvedos no río Miño nas terras de Chouzán, onde a comarca do carballo sagrado, no tempo en que as xacias, sabedoras da construción dunha cárcere de cemento para atrapar o río e roubarlle o corazón, cando a construción dos encoros, decidiron partir río abajo por saber de seguir morando en liberdade, sen gaiolas creadas pola ambición humana, pero ela, a máis cativa de todas, ficara envenenada polos adubos ceibados a altura de Salvaterra e deixárase levar polo río ata bater co barqueiro.

Pouco a pouco o río foi tecendo unha estrana amizade entre a xacia e o barqueiro el leváballe aqueles froitos tan gozosos e ela contáballe lendas do río, estranos mundos, seres máxicos, mirando fixamente para os ollos do barqueiro, a el non lle facía falla viaxar, nos ollos da xacia se bañaba, nas súas palabras el nadaba. Manoel falaba de sobreiras, sempre falaba de sobreiras, ela escouitaba a estrana paixón polas árbores daquel vello barqueiro que a miúdo lle contaba o soño de ser algún ía bosque, aquel home quería ser unha árbore. Sempre se despedían cun ¡ adeusiño xacia! ¡adeusiño barqueiro!

A xacia enfrontábase coa súa cola de peixe barrendo o lixo que o río levaba, Manoel achegaba a súa barca ate os bosques onde ardián ás árbores e batíase en batalla contra a fera do lume achando derrota tras derrota.

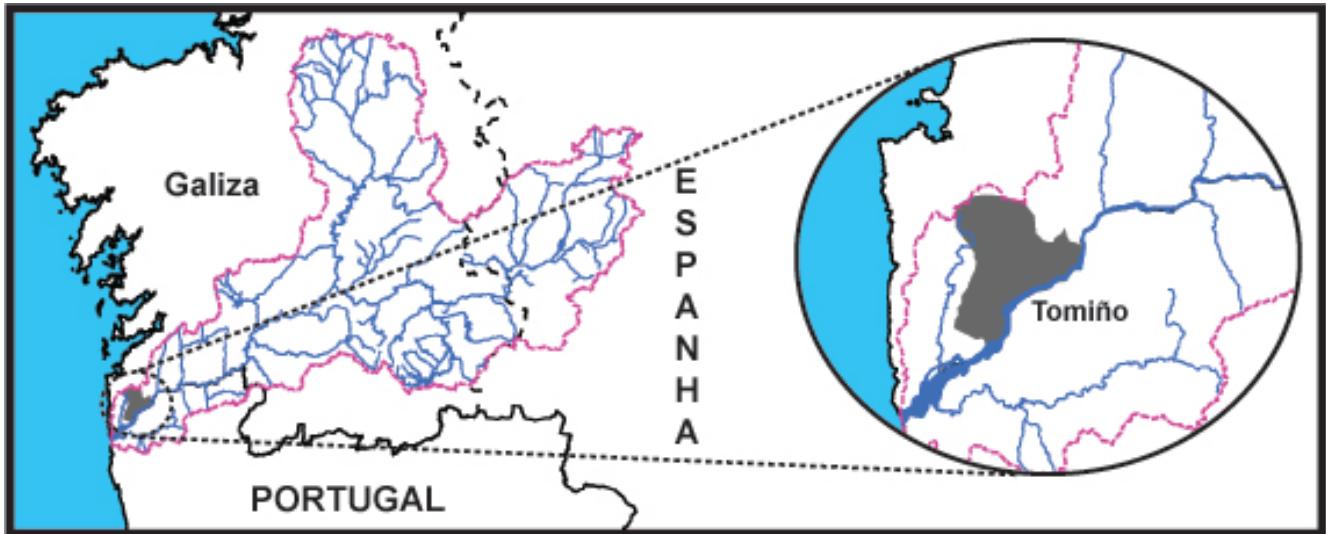
Compartiron o tempo e o tempo foi estrano, mesmo cruel, aumentaron os verquidos, construíron máis cárceres de cemento e como non, seguiron ardendo os bosques, entre as bagoas do barqueiro e tristeza da xacia pactaran resistir enfrontándose a toda aquela morte coas súas historias, para que a vida nunca morrera nas palabras.

Despois de moitos anos, un día manoel sentiuse vello, canso, sabía que estaba perto seu final e decidiu partir e despedirse da muller peixe, case sen forza subiu a barca e navegou ata aquela insua da súa amiga. – sabes a que veño xacia, teño que despedirme, chegou o meu tempo e debo partir -. A xacia que non entendía da morte sentiu coma se unha peneda de peso inmenso entrara dentro do seu corazón para ancoralo no fondo do río, non o podía crer, non o quería crer, – adeus miña xacia – continuou o barqueiro, – síntome feliz de poder ter compartido estes anos coa túa amizade, síntome feliz de poder partir sabendo que fun teu amigo, de bañarme nos teus ollos e nadar nas túas palabras-, nese momento manoel achegou os seus beizos ata a meixela da muller peixe bicándoa docemente, simplemente con tenrura. Nun instante que quería que nunca chegase, deuse a volta e partiu sen mirar atrás, a barca surcou unha cantiga, unha caligrafía estrana debuxouse no río ¡gracias! escribiu Manoel cos seus remos. Atou a barca nas beiras e encetou un sendeiro o carón da vella fortaleza camiñando pouco a pouco, con dificultade, cara o alto.

Naquel intre a xacia chorou como nunca choraran as mulleres peixes, foi como se un remuíño nacese no mesmo río, coma se unha fervenza esbarase polos beizos, polo pelo longo, húmido e ceibo, ata rematar mecéndose na auga, aquel día, como nunca a cara da xacia defendeu a tristeza. Pero o que son as cousas, as bagoas da xacia convertéronse nunha estrana pregaria que chegou o mesmo corazón do espírito fluvial, cravándose con certeira claridade para contarlle aquela historia o Miño, el ben sabía o que tiña que facer.

No mesmo tempo en que o barqueiro camiñaba cara o lugar de Goián, mentres Manoel tamén se devencia en tristura sen querer mirar para atrás, mentres as bagoas percorrían o seu rostro inzado de arrugas como se foran ducias de ríos escribindo a pel dun vello, en ese momento de amor e morte, sentiu o barqueiro como unha man de fría pel agarraaba con forza a súa, axudándolle a camiñar, sentiu a doce e fría pel daquela muller peixe, sentiuse vivir como nunca o fixera, e nese intre e mentres camiñaban os dous o espírito do río converteuse en estrana ventoleira de follas outonais que foron cubrindo ata que pouco a pouco xacia e o barqueiro ían transformándose en dúas árbores, en dúas sobreiras que chegado o lugar onde chaman Goián cravaron as súas raíces na terra húmida e fértil, estenderon as súas ponlas e abrazáronse para sempre.

(<http://federacionecoloxista.blogspot.com/2006/04/11/as-sobreiras-de-goián/>)



Cada Remadela, Sete Léguas -

Tomiño

O barco nunca estaba como o seu patrón, o Sordo, o deixaba no amarradeiro do Cotro de Forcadela. Desaparecía polas noites coma por encantamento. Na víspera de San Xuan, o barqueiro resolveu esconderse na secreta e esperar a chegada da noite. Foi neste intre cando alguén forzou no candado, e parecía que era un home e unhas cantas mulleres. Logo comprendeu que o barco estaba no dominio das meigas.

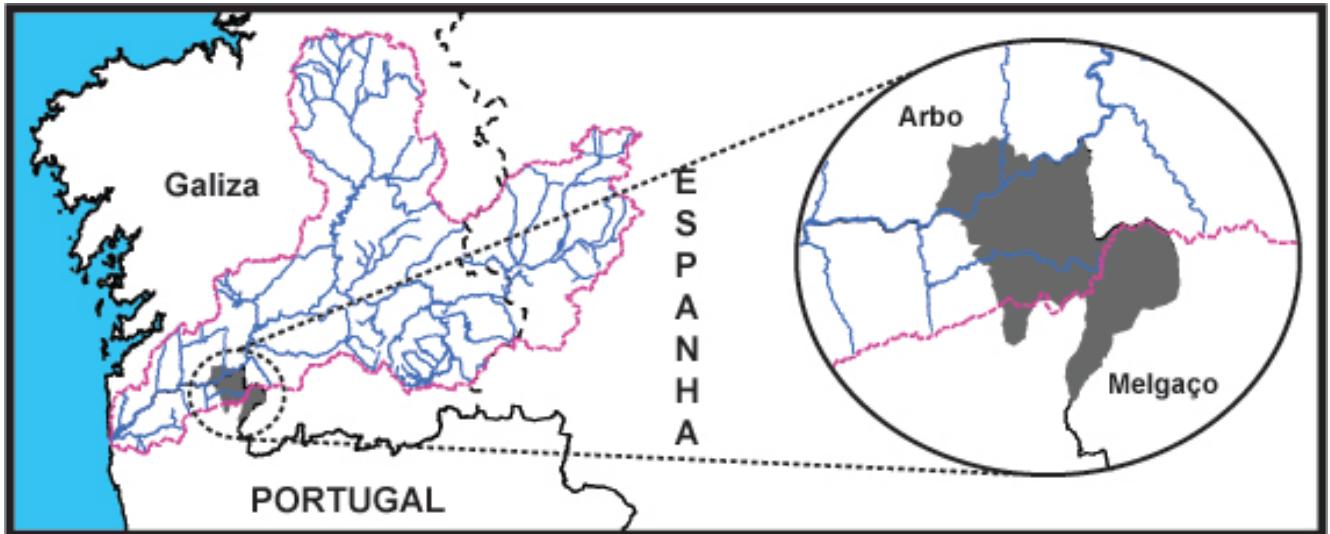
Xa iban río abaixo e ao pasar a barra ouviu que decían: "cada remadela, sete leguas", coma acompañando o bogar do barco que corría coma unha centella. Dalí a pouco, outra voz observou: "Chéirame aquí a home vivo". "Deixa ir quen vai", respondeulle outra, que era a sobriña do barqueiro.

Xa non había dúbida que eran as bruxas ao mando seu señor, o cornudo cabrón. Navegaron muito tempo, repetindo sempre aquilo de "cada remadela, sete leguas", ata que o barco atracou nunhas illas cheas de palmeiras e bananas. Ali bailaron, en coiro, no areal, e o barqueiro, o Sorso, viu que muitas daquelas catraitas eran as suas veciñas.

Mentres o bailarico seguía arredor do cornudo, él resolveu cortar unha

palma e esconderse de novo no barco. Cando viñan de volta, as bruxas descubrirono, pero él fixose o dormido, e a sua sobriña opúxose a que o lanzasen ao mar. Chegaron ao Cotro da Forcadela, e soupo que aquela palma era das Illas Canarias, a onde as bruxas o tiñan levado. Logo, no día da festa, presentáronse todas, levando ramiñas de palma na solapa. O Sordo tamén se presentou, levando a sua palma na solapa, para demostrar que non iba dormido e que sabía todo. As bruxas empeñáronse en regalarlle un chaleque, pero él, descofiado, púxollo ao can, que saiu a correr, ouveando, e afogouse na barra.

(Alonso, E. 1989. Pescadores Del Rio Miño. Diputacion Provincial De Pontevedra. pag. 195-196)



As Feiticeiras - Arbo/Melgaço

Neste lugar de Guxinde

ao pasar polas ladeiras
pasade coa faldra fora
pola mor das feiticeiras

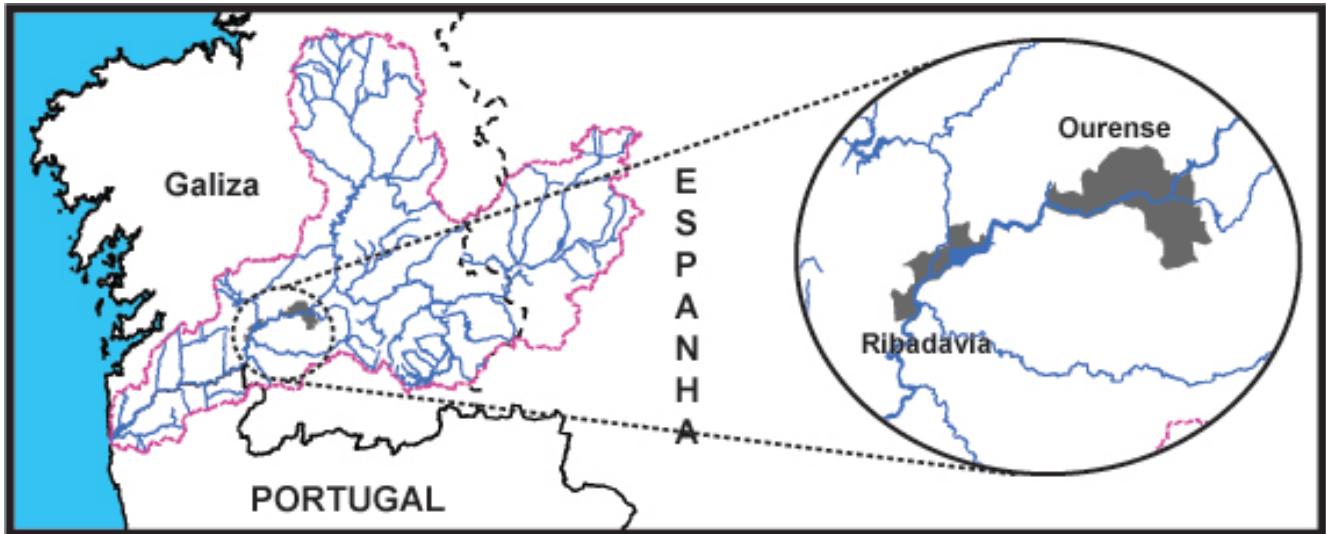
Esta copla é un consello que se lles dá aos homes para librárense dos maleficios das meigas; coa faldra por fóra, imitando a sotana dun cura; e os curas e as meigas, como é ben sabido, non se levan.

Pero a copla tamén nos fala das feiticeiras, como sinónimo de meigas, de mulleres fatais capaces de causar dano co seu feitizo a quen non tome as precaucións debidas. Pois ben, existen unas meigas desta caste, coñecidas expresamente como feiticeiras, que viven na auga. Sábeno os portugueses do outro lado do río, sobre todo os que antes tiñan que cruzar a nado desde Melgaço ata Arbo. Aqueles arriscados que se atrevían a cruzar a nado tiñan que meter na boca un coio que lles impide falar por se una feiticeira lles preguntaba algo durante a travesía.

Non se sabe máis destas feiticeiras galego-portuguesas. Que seducen coa voz e que, para non quedar engaiolado por elas, hai que levar algo na boca que impida responderles. As sereas, lembrádevos de Ulises, teñen o falar cautivador.

Seguramente, aínda que nunca o recoñecerán os seus promotores, as pontes que agora cruzan o Miño entre Galicia e Portugal tiñan como principal obxectivo deixar sen traballo ás feiticeiras.

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 133)



As Burgas - Ourense/Ribadavia

H

Hace muchísimos años moraba en uno de los montes cercanos a Ribadavia, entre los picos más altos, un asceta que atendía el culto de una pequeña ermita y que pasaba su tiempo entre rezos y penitencias, ayunos y sacrificios. Era muy querido por cuantos lo conocían y, como eran conocidas las dificultades del santo varón en lo tocante a su mantenimiento, le llevaban alimentos cuando iban las gentes a pedirle consejo y perdón.

Se llamaba Pedro el ermitaño y se decía que era hijo de unos labradores, pero lo cierto es que era un hombre de virtud y doctrina, que sabía más que el señor cura de la parroquia y del que incluso se decía había hecho algún milagro.

Una tarde de otoño cuando las hojas de los árboles amarilleaban y el sol se acostaba entre reflejos dorados, Pedro el ermitaño, se sintió mal. ¡Bendito sea Dios! -se dijo-; parece que Él me llama a su lado. Soy viejo y alguna vez tiene que acabar la vida del hombre.

Y resignadamente se sentó al pie de la puerta de la ermita. Pero, sucedió que pasaba por allí un joven pastor que llevaba un rebaño de ovejas y, al verlo tan mal, le preguntó si necesitaba alguna cosa.

Me siento mal -le contestó el ermitaño-, pero Dios dispondrá lo que tenga que ser. Señor? -dijo el muchacho-, voy camino de la aldea y en cuanto deje las ovejas en el corral, volveré con un médico. Y se fue arreando las ovejas para que corrieran monte abajo.

Regresó ya anochecido el pastor en la compañía del sanador, quien, después de examinar al ermitaño dijo que tomara un cocimiento de hierbas y lo abrigó con una manta que había llevado también. Después, los dos se fueron, dejando a Pedro tranquilo, a pesar de la tos seca y finalmente se

quedó dormido.

Desde entonces, el muchacho, que era un guapo mozo, procuraba pasar por la ermita y hacerle un rato de compañía al señor Pedro, por lo que éste le tomó cariño y lo educó enseñándole la bondad.

En Ribadavia había un callejón muy antiguo en uno de cuyos extremos había una casa en ruinas en la que vivía un viejo tabernero que tenía una hija llamada Aurora que era, como su nombre, una bella aurora de mujer.

Pero la chica, en el ambiente de taberna, había adquirido no muy santas enseñanzas y se hiciera antojadiza y veleta al sentirse admirada y requerida por los muchachos que morían por su amor.

Aurora sentía predilección por un muchacho que a veces iba a la taberna para hacer algunas compras y que parecía que no se daba cuenta de que a la muchacha le gustaba. Ella hizo algunos intentos para despertar el interés del joven y así, un día le dijo:

- ¡Estoy enamorada de ti!, mírame ¿no soy guapa?, ¿no me quieres? Sí eres hermosa -le contestó él- pero eres endiablada y serías mi perdición. Y se marchó corriendo.

Aurora se sintió herida y triste y juró vengarse. Cuando el muchacho regresó a comprar un poco de sal y de azúcar, después de atenderlo y como estaban solos, le echó los brazos al cuello y lo besó, mientras le metía en el hatillo alguna cosa que él no notó. Y como se apartó de ella y salió huyendo, ella fue detrás gritando:

- Al ladrón, al ladrón, prenderlo... - al tiempo que le tiraba piedras-.

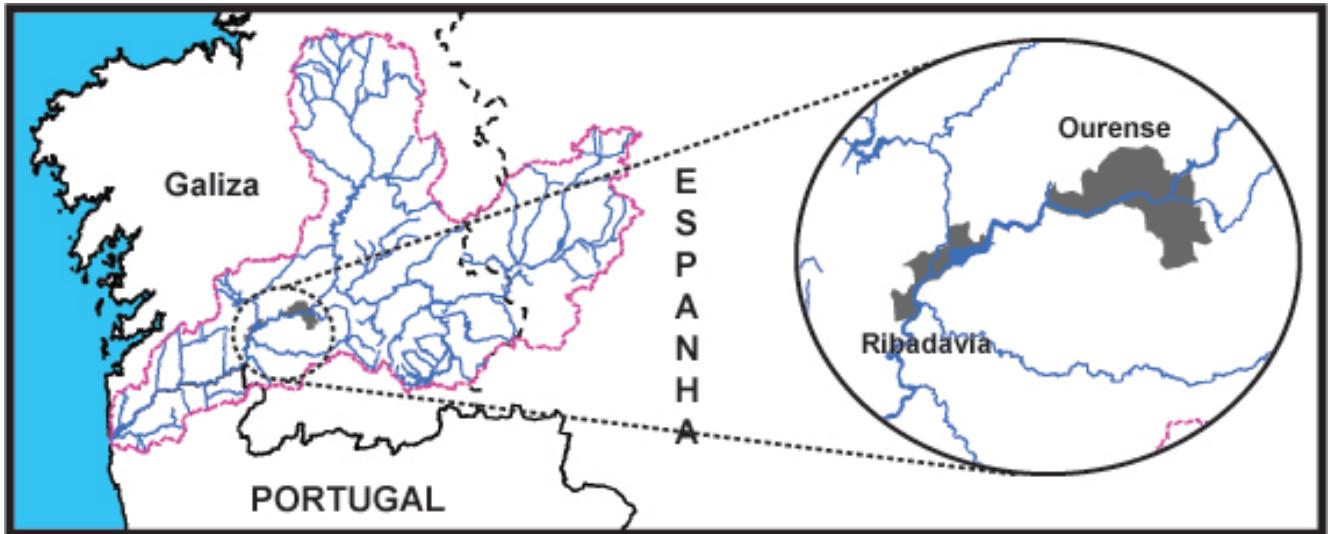
Lo persiguieron hasta alcanzarlo, lo derrumbaron y cuando se dieron cuenta, estaba muerto sin saber porqué. Pero en el hato encontraron el cáliz de la iglesia que había sido robado en aquellos días.

Se supo más tarde que se trataba del pastor que visitaba al ermitaño. Pedro lloró la muerte de su amigo y tuvo su momento de dolor y coraje y el primer mal pensamiento de su ascética vida.

El santo que conocía los manantiales calientes del río Sil, y que estaba llevándolos hacia Ribadavia, ante la crudeza y maldade de las gentes que dieran muerte a un inocente, se fue para Ourense y allí hizo surgir las fervientes y famosas aguas, las Burgas.

Después, dice la leyenda, extendió encima de las aguas del río Miño su gastada capa y colocándose sobre ella, se dejó llevar por la corriente.

(www.grupobuho.es/mensaje-foro/426934-album-de-entes-mitologicos-contemporaneos)



As Burgas e a Fin do Mundo - Ourense/Ribadavia

Cando os mananciais das Burgas de Ourense deixen de botar auga, cren os ourensáns que ha quedar pouco para o día do Xuízo Final. Ao mellor nos lles falta razón; grazas á auga das Burgas naceu a cidade e, xa que logo, pode ser tamén a causa da súa desaparición.

Xa se contan tres veces que secaron momentáneamente as Burgas. A primeira foi consecuencia do terremoto de Lisboa do ano 1755; moitos veciños da cidade fuxiron aos montes dos arredores crendo que a fin estaba próxima e non regresaron ate que o fixeron as augas caldas ás bocas das Burgas. A segunda vez ocorreu o ano 1955, cando os limos e lamas atoaron os canos; fixose limpeza, e listo. A terceira, polo de agora, ocorreu os primeiros días do mes de febreiro do ano 2005. A Burga Pequena secou, a Burga do Medio rediciu o caudal case á metade, e só a Burga de Abaixo, a meirande de todas recuperou en pouco tempo o seu manantío normal. Desta volta a culpa foi dunha empresa pantasma que se puxo a perforar máis da conta coa intención de construír un hotel-balneario de luxo, xusto a carón das Burgas; unha empresa que se fai chamar, e non é broma, Xardín das

Burgas. Manda chover!

Os ourensáns viven preocupados con razón e temen o peor. Se as Burgas secan, xa o dixemos, acábase o mundo; cando menos, o seu mundo. A finais de febreiro deste mesmo ano, despois dunhas obras reparadoras, as augas volveron, afortunadamente, onda sempre.

Nos arredores das Burgas atopáronse senllas aras votivas dedicadas por Calpurnia Abana e Boelio Rufo ás ninfas. A inscripción latina que Calpurnia mandou facer reza:

« Calpurnia Abana Aeboso cumpliu con agrado o voto que fixera, baixo a inspiración dun soño, ás ninfas das augas.»

Queda deste xeito documentado o culto que profesaban os galaico-romanos ás ninfas, no lugar que hoxe ocupa a cidade de Ourense e máis concretamente arredor das fontes das augas termais que manan a uns sesenta e sete graos centígrados.

No entanto, a lenda que hoxe en día refire a orixe das Burgas é, aparentemente, moi posterior (as lendas padecen destes anacronismos), e tería que situarse no século XIII. Trátase dun mito cristianizado, protagonizado por San Pedro González Telmo, un dos santos máis portentosos dos que en Galicia houbo.

Pedro dedicaba as horas ao rezoo e ao xaxún nunha capeliña, apartado do mundo, pastoreando o silencio dos montes dos arredores de Ribadavia.

Unha vez sentiuse enfermo de morte. Sentou na porta da ermida e agardou a que Deus dispuxese do seu corpo. Cadroulle de pasar por alí a un pastor novo co seu rabaño de ovellas, quen, ao velo naquel estado, buscou a maneira de socorrello.

Correu á aldea máis próxima, buscou un curandeiro e regresou con el ata xunto de Pedro. O curandeiro atinoulle co mal, deulle remedio e curouno.

De alí en adiante, o pastor e o anacoreta fixéronse moi amigos. Cada pouco xuntábanse a conversar e facíanse compaña. O rapaz adoitaba levarlle algúns alimento e Pedro agradecíallo ensinándolle os segredos da bondade.

O pastor mercaba aqueles víveres nunha taberna de Ribadavia, onde había unha rapaza moi guapa, quen, secretamente, se foi namorando del. El non lle facía caso; mercaba o que lle parecía e logo seguía o seu camiño sen prestarlle máis atención. Pero un día, a moza, enrabechada polo que lle parecía un desprezo, encarouse con el e díolle que lle gustaba, que estaba namorada e preguntoulle:

-Non che parezo bonita dabondo para ti?
-Es guapa; si que o es, pero para min non vales
Parecialle malfalada, presuntuosa e ata diabólica.

Na próxima vez que o pastor entrou na taberna, a moza tíñalle preparada unha trampa. Simulando querer bicalo e apertalo, meteulle no peto da chaqueta unha cousa. O mozo apartouna del, e ela comezou a berrar:

-Ao ladrón! Ao ladrón!-e aínda lle tiraba pedras.

A xente correu tras do mozo ata collelo, e logo, a golpes e pedradas, acabaron por matalo. Cando lle remexeron nos petos viron que levaba agachado o cáliz da igrexa parroquial.

Todos pensaron que era, en verdade, un ladrón. Todos, agás Pedro, o seu amigo, que chorou e logo, tomado polo odio aos que o mataran, decidiu

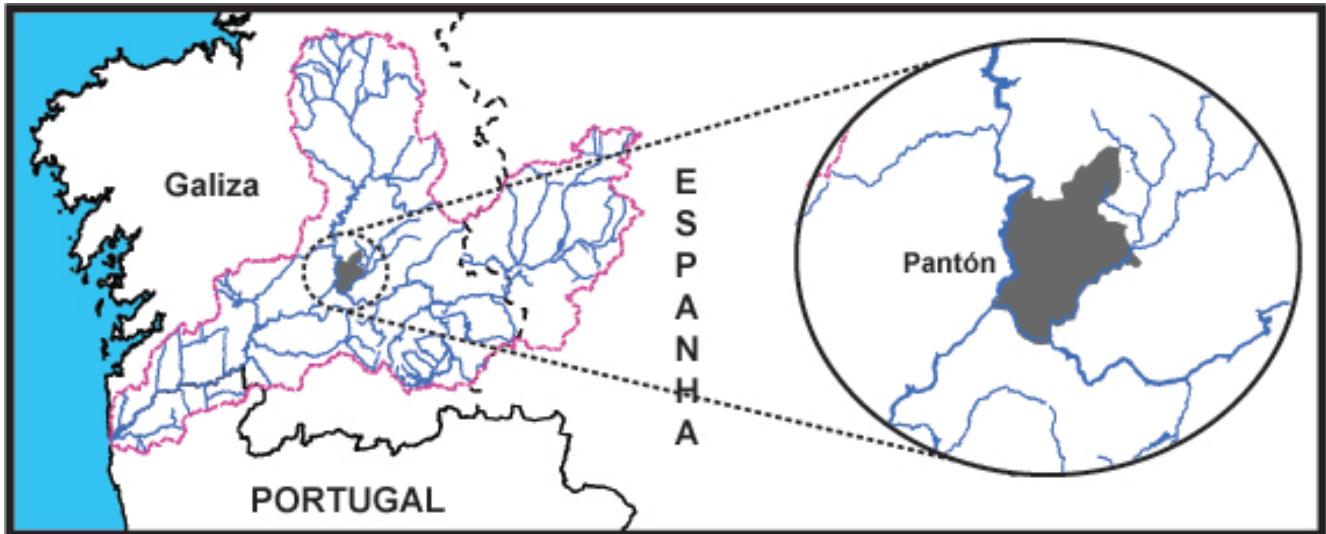
castigalos desta maneira.

Seica andaba daquela conducindo secretamente as augas caldas en dirección a Ribadavia pero, por mor daquel crime tan horrendo, mudou de opinión e púxoas en dirección a Ourense, onde fixo nacer as augas quentes que chamamos Burgas.

Logo, Pedro, San Pedro González Telmo, estendeu sobre as augas do río Miño a súa capa, subiu a bordo e deixouse levar pola corrente.

Augas abaixo, ata Tui, onde se di que está enterrado, saben doutros moitos milagres deste santo capaz de construír pontes e de valerelles aos mariñeiros que se perden no mar.

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 116-119)



As Xacias - Pantón

U

nhá rapaza de Marce estaba de criada na Millara. E resulta que a mandaban moitas veces ir coas ovellas de cara a Castelo, e non sei se o sabedes, pero había ali unha figueira, que lle chamaban a Figueira do Castelo, que daba unhas béveras negras, moi negras, que ningún paxaro nin bicho as comía, e a pé da figueira no río, no Miño, un pozo fondísimo. Agora que fixeron o encoro dos Peares, a figueira quedou debaixo, que de seu morrer non morreu. Era moi rara, follas como nada e ramas delgadiñas, e mala cara, todo béveras negras. E ao pozo non se lle vía o fondo nin de día. Estaba ali a rapaciña coas ovellas e viu saír do río unha cousa rara, metade peixe e metade persoa, que se sacudía e se poñía a subir polo souto arriba. Colleu tal medo a rapaza que nunca máis quixo volver ao sitio, e non volveu.

Pero outro día andaba un señor da Millara pescando no río, e aparecéuselle unha rapaza guapa e nova como nunca vira ningunha. Saíu do río, sen máis. O home asustouse, mais ela díolle que non tomara medo, que era unha xacia encantada, e que se a bautizaba, desencantábaa e casaba con el.

Así se fixo e o matrimonio foi moi feliz. Tiveron sete fillos, que andaban seguido metidos nos regatos e pozos do río, no verán e no inverno. En canto tiñan tempo, á auga! O pai reprendíaoas moitas veces por este motivo. Tanto se fartou de que andasen lacazaneando na auga en vez de axudarlle cos traballos, que un día díxolle:

-Ídevos de aquí, fillos dunha xacia!

A partir dese día as cousas non foron bem no casal. Non só se levaba mal o pescador cos fillos, senón tamén coa muller, e finalmente ela un día abandonounos e volveuse ao río. Pero tivo a mala sorte de que as outras

xacias non a admitiron, porque era cristiá e esnaquizárona coas súas propias mans. O pobre do home, que a andaba buscando, chegou a tempo de ver o seu corpo en anacos flotando nas augas do pozo.

Pasou un tempo e unha nena pequena de Marce, da casa da Cantesa, que nada sabía diso, adoitaba ir co gando, dúas vacas e catro ovellas, ao monte Castelo e baixaba polo souto. Todos os días ía visitala una xacia e acabaron por facerse amigas, pois a muller acuática agasallábaa cun pano cheo de carbóns que se lle volvían onzas de ouro ao chegar á casa. Ora, iso si, advertíalle que non llo dixese a ninguén, e menos que a ninguén aos seus pais, porque se non habíao pagar caro.

A nena aguantou uns días pero á fin, ante as preguntas dos seus parentes, non lle quedou outra que contar o segredo. Ao día seguinte volveu como sempre ao Castelo. Xa non regresou. O pai, desesperado, botouse ao monte a ver se a atopaba viva ou morta. O gando estaba alí, pero a Sabeliña non aparecía, por más que berraba por ela.

-Sabeliña, Sabeliña!

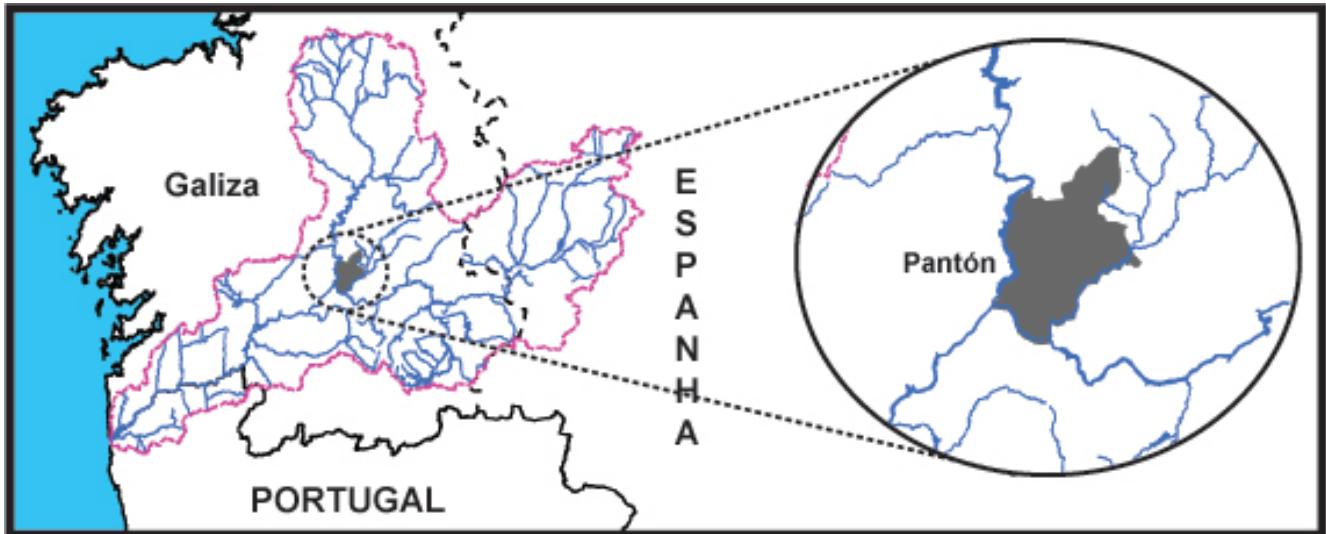
Xa volvía o home resignado para a casa, pensando en xuntar os veciños e dar una batida, cando pasou xunto ao curuto do monte, sempre berrando:

-Sabeliña, Sabeliña!

Daquela oíuse una voz que lle dicía:

-Sabeliña, Sabelón, fritida está en aceitón!

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 15-18)



Se o Río Miño Queda Sen Auga

- Pantón

S

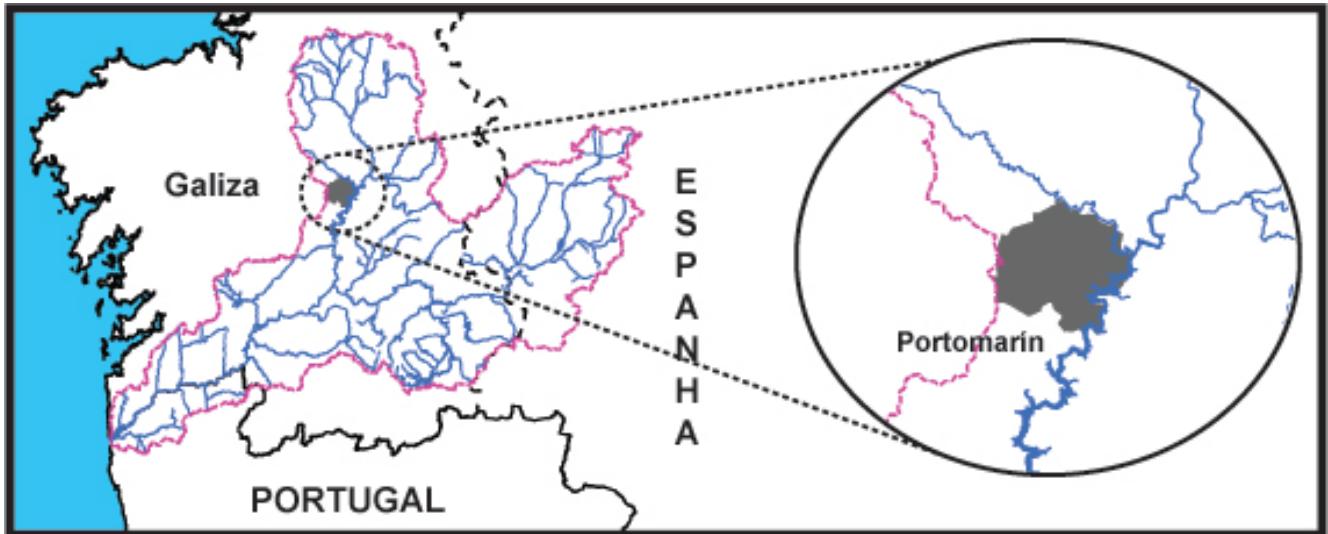
Se o río Miño, Deus non o queira, queda sen auga, tedes que saber o posible motivo. No castro de Amboade, que esta na parroquia de Vilar de Ortelle no concello de Pantón, en Lugo, houbo, igual áinda o hai, un encanto moi grande que vivía nunha adega debaixo da croa.

Aquel encanto tiña tratos cun humano que ía todos os días visitalo. Ao chegar, o home agardaba a que o recibise una gran serpe que lle subía polo corpo arriba e que en canto lle chegaba a tocar a cara transformábase en muller.

Non sabemos máis. Non sabemos se o encanto se desencantou, se quedou ou marchou. É pouco saber, sobre todo escoitando o que se di por alí. Estarrece:

*Cando nesta adega falte viño,
Ha de faltar a auga do río Miño.*

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 132)



A Lenda da Virxe e o Neno en Portomarín - Portomarín

A

carón da Capela de Santa Mariña, que segundo as crónicas xa era un pequeno mosteiro de monxas no século IX, había un pouco "río arriba" un longo treito de Río Miño -máis ou menos un quilómetro- onde as angas sempre van mainiñas, gardando un silencio sosegado. E tamén, uns grandes penedos que semellan botarse no río para gañar o retiro pacífico de tantos anos, parecen querer gardarse baixo as augas, despois de exercer de inmóbiles pedras, inspiradoras de lendas e contos de mouras e cristiáns, de "cestas de ouro", de tesouros agachados, etc.

Pois ben nese mesmo lugar había unha peneda que xa estaba entre as augas metida e que ten a súa lenda.

A metade da peneda estaba cuberta pola auga e a outra metade fóra. Nunca desaparecía da vista dos que por alí andaban anque houbera secas importantes ou grandes enchentes. Alí estaba como mostra de veracidade do que vos vou contar:

María, San Xosé e mais O Neno estiveron en Galicia fuxindo de Herodes. A Virxe levaba ó neno durmidiño no colo. San Xosé tiraba pola corda do burro no que ían María co Neno en brazos.

Ó chegaren a aquel sitio de Portomarín, á beira do Río Miño, os tres quixerón cruzar. As augas facían moito ruído ó pasaren entre os penedos e os cachóns, porque estes imprimíanlle aínda máis velocidade.

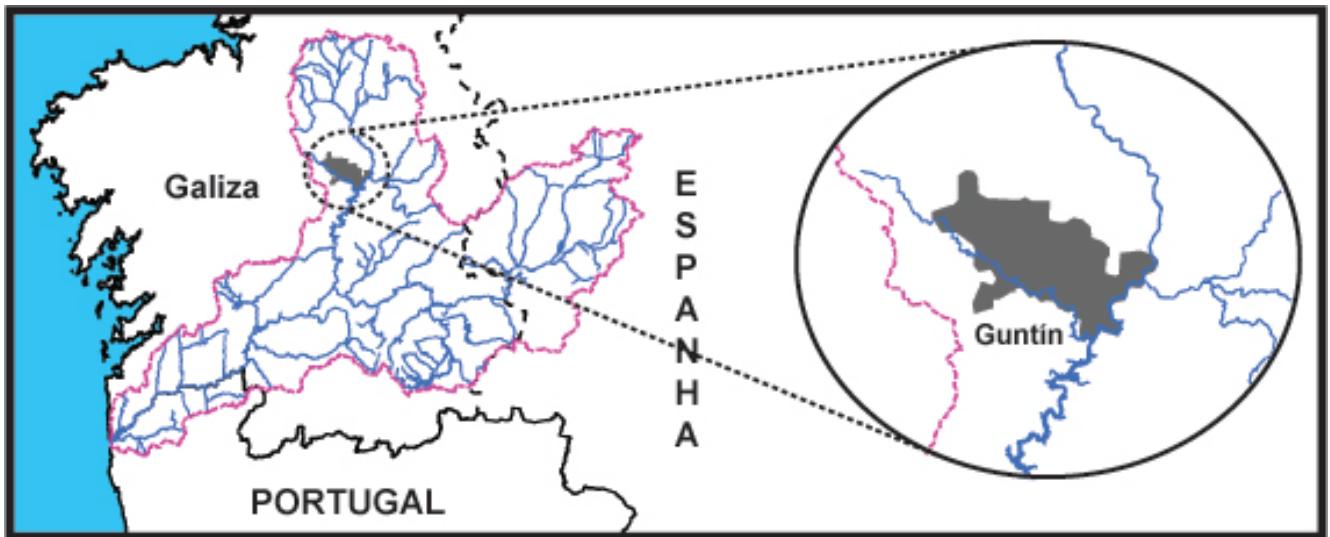
María, non querendo que lle espertaran O Neno, dixo:
Río Miño, Río Miño,
pasa quedo e caladiño.
Non espertes ó Neniño
que xa o levo durmidiño.

E o río voltouse calmo, pousado e silencioso naquel tramo do seu curso en contraste cos cachóns que hai catro ou cinco quilómetros más abaixo.

Contan as xentes de Portomarín e Comarca que A Familia pasou o río sen problemas e que O Neno non espertou. Naquela peneda do río aínda está a pasada do burro cando, para facer pé, pousou ali unha pata.

Por desgracia, hoxe todo está cuberto polas augas do Encoro de Belesar que asolagaron tantas realidades vivas, tan só queda o recordo e tantas lendas e soños como esta que eu vos acabo de contar.

(www.rios-galegos.com/lendas.htm)



A Lenda do Pozo da Troita - Guntín

Hai moitos anos contan que en Francos había un pozo cunha troita, por iso era coñecido coma o Pozo da Troita. Este pozo estaba ó lado do río Miño.

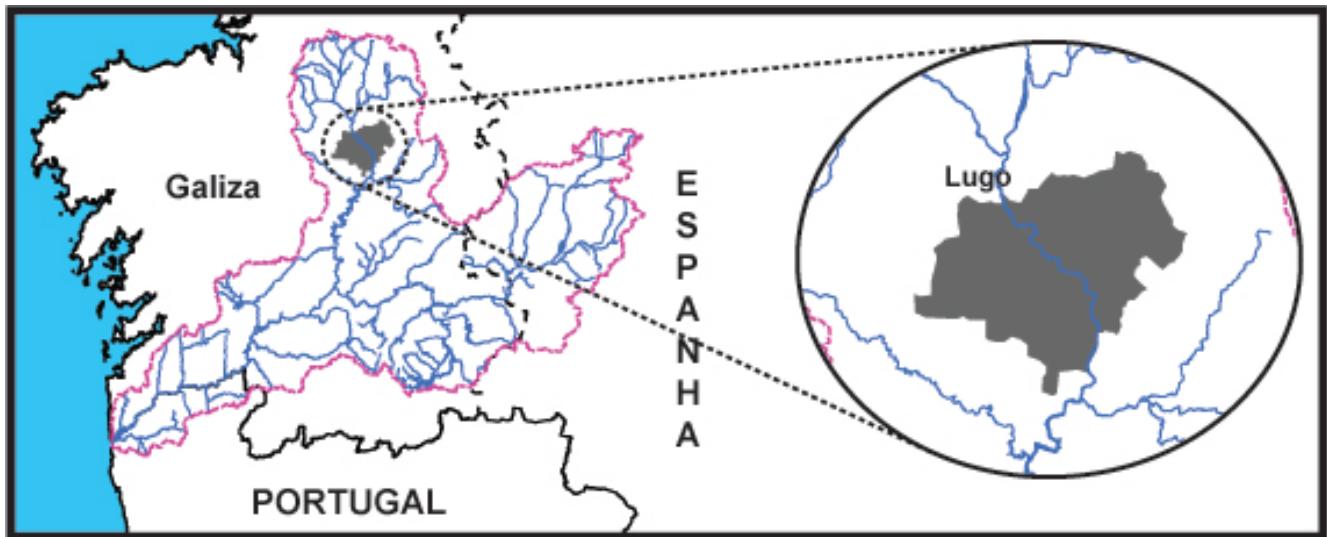
Tódalas semanas subía á aldea comer e cando non tiña que comer, comía un home. Ninguén se acercaba ó río onde estaba a troita. Dicían que convertía á xente en porcos fracos e despois os comía.

Os mércores a troita subía xunto ó ferreiro para que a rascase no lombo, porque o tiña cheo de grans e a cambio dáballe un saco de moedas de ouro.

Un día o home máis Valente foi akí e baleiroulle unha garrafa de ácido fórmico mentres a troita estaba no ferreiro. Cando volveu e se metou no pozo, queimóuselle a pel e o estómago.

Aínda temen que saia do pozo e os coma a todos.

(Centro Cultural María Castaño. 2004. Facéndolle as Beiras ó Miño, pag.26)



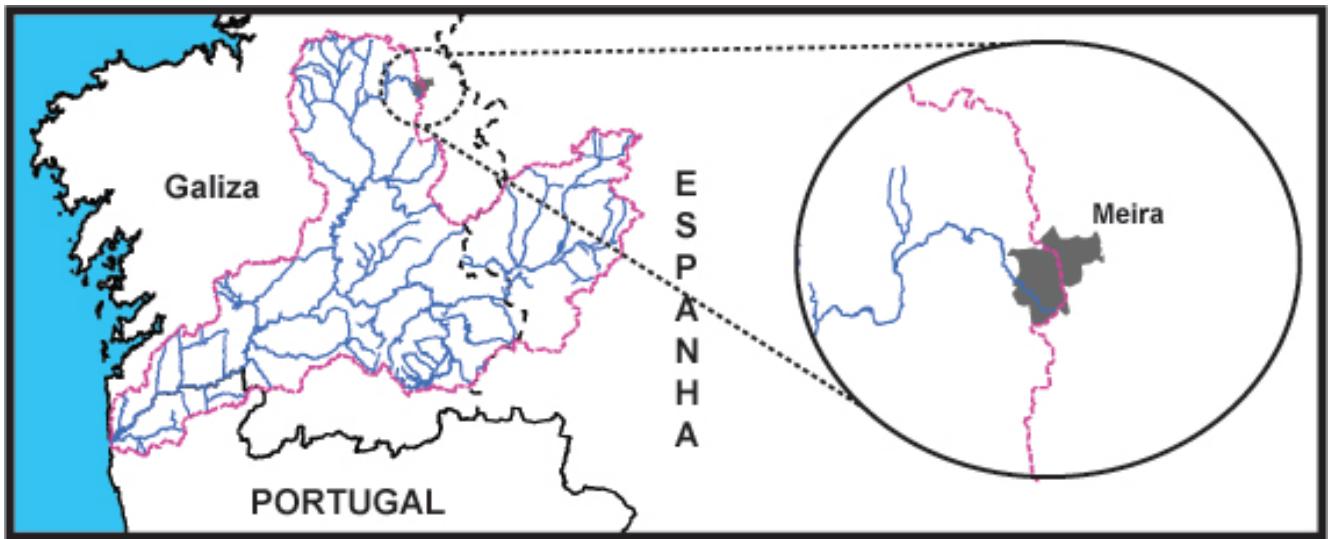
Lenda do Río Miño -Lugo

C

Conta a lenda que cando a Virxe andaba polo mundo co seu Neniño, chegou á beira do río Miño. A corrente das augas producía un forte ruído que espertou ao seu Neno que choraba fortemente. A Nai sen saber que facer díxolle ó río:

Río Miño
pasa caladiño
non espertes
o meu Neniño.

E dende aquela o río Miño corre sereo e tranquilo.
(Centro Cultural María Castaño. 2004. Facéndolle as Beiras ó Miño, pag.22)



A Bruxa do Pedregal de Irimia - Meira

Esta era una bruxa vella, mala e fea, que rifaba, un día si e outro tamén, co seu marido. Unha vez discutiron más do habitual, a bruxa encabuxouse co esposo e díxolle:

-Corre canto poidas e non mires para atrás; se o fas, heiche botar un dos meigallos!

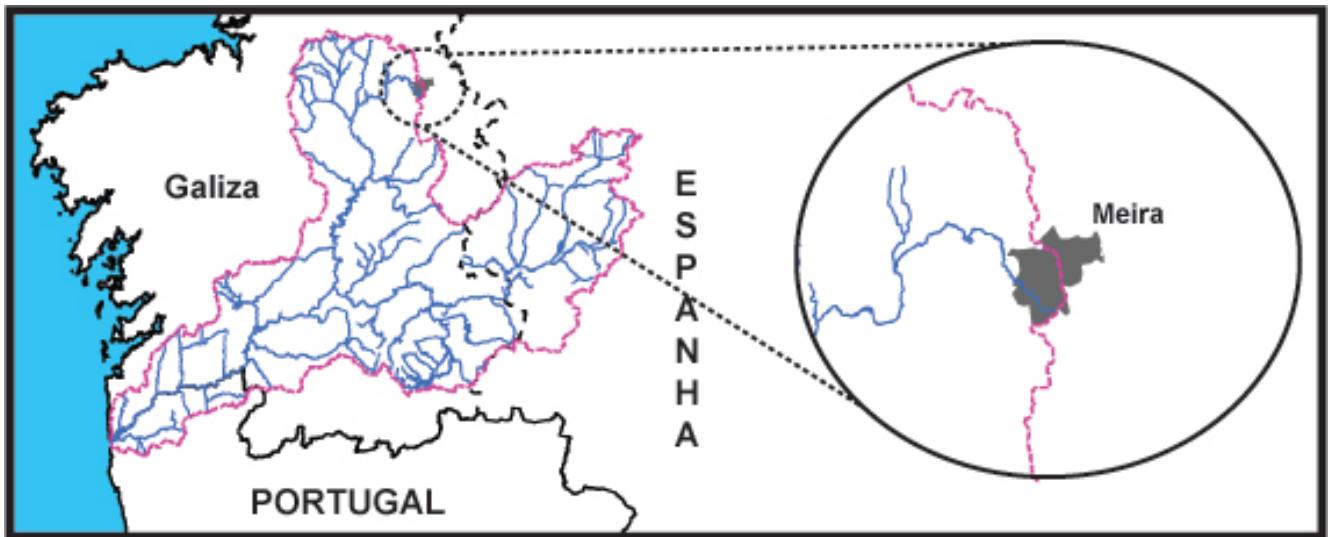
O home botou a correr monte abaixo mais non se resistiu a volver a cabeza. Fíxoa boa! A vella bruxa ría ás gargalladas ao mesmo tempo que dicía as palabras dun conxuro. Daba medo escoitala.

A seguir apareceron uns paxaros que comenzaron a guindarlle pedras ao pobre do home ata que una lle atinou en mal sitio e fixoo afociñar. Estomballado e todo como estaba, os paxaros seguiron botándolle pedras enriba do corpo ata deixalo completamente soterrado debaixo delas.

De ali a un pouco por entre as pedras comenzou a burbullar sangue, o sangue do pobre home lapidado, e que co tempo se foi convertendo en auga clara e abundante.

Daquela auga que áinda hoxe gurgulla por entre as pedras do Pedregal de Irimia nútrese o río Miño que fecunda Galicia enteira desde aqueles tempos.

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 111)



O Demo no Pedregal de Irimia - Meira

Onde agora se chama Pedregal de Irimia, en Meira, onde nace o grande Miño, hai abundantes pedras de diferentes tamaños. Pisar aquelas pedras, choutando dunha a outra, mentres se atende ao runxir da auga que fai camiño entre elas é un dos grandes praceres que todo bo galego debe experimentar, polo menos, unha vez na vida.

Quen puxo alía quelas pedras? Para algúns foron os paxaros ao servizo da vella bruxa segundo a historia que acabamos de narrar; para outros foi o mesmísimo demo quen as deixou alí segundo estroutra narración.

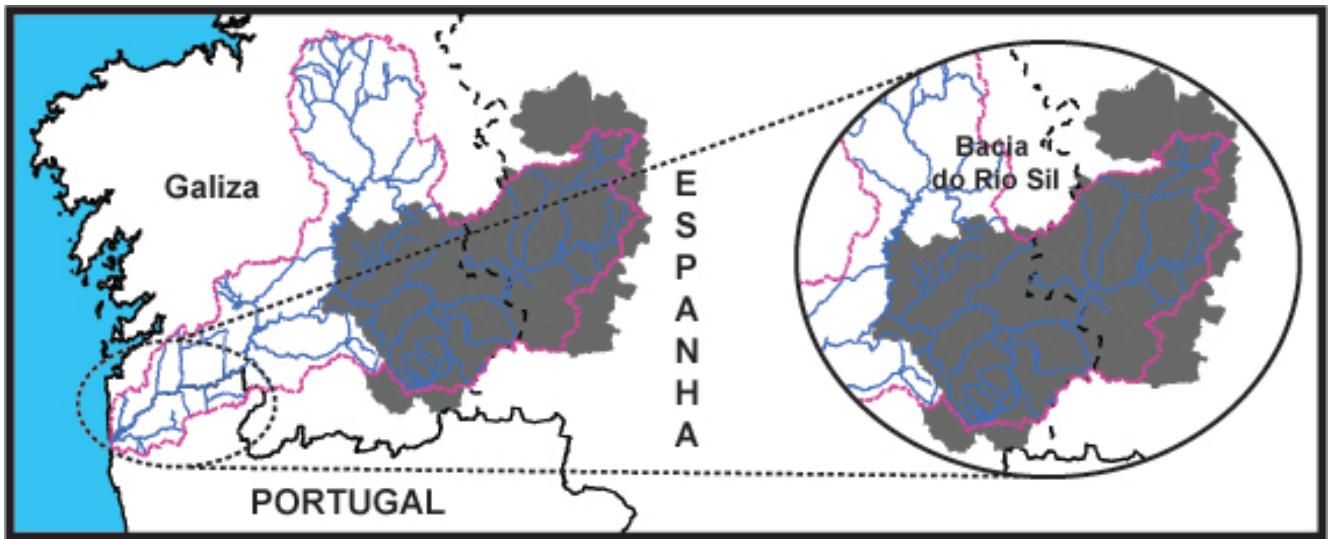
En tempos moi antigos houbo naquel lugar un pequeno cenobio ocupado por frades cirtercienses. O demo tíñalles envexa e dáballe voltas á maneira de destruírlles o edificio.

Unha tarde de verán o ceo comenzou a escurecer anunciando unha trebada que se presentou decontado. Debeu ser horrible. No medio daquel caos presentouse o demo cos seus secuaces, todos cangados con enormes pedras coa intención de chimplas sobre o cenobio e derrubalo de vez.

Mais cando os frades comenzaron a rezar, a trebada retirouse e no ceo apareceron grandes claros. Disque incluso se puido ver a figura de Bernardo de Claraval, e que esta presenza sería a que fixo recuar aos demos, quen, coas presas da fuxida abandonaron as pedras amoreadas no que hoxe chamamos O Pedregal.

No antigo coro do mosteiro de Meira había unha cadeira decorada cunha representación deste milagre.

(Miranda, X. e Reigosa, A. 2006. A flor da auga. Xerais. pag. 112)

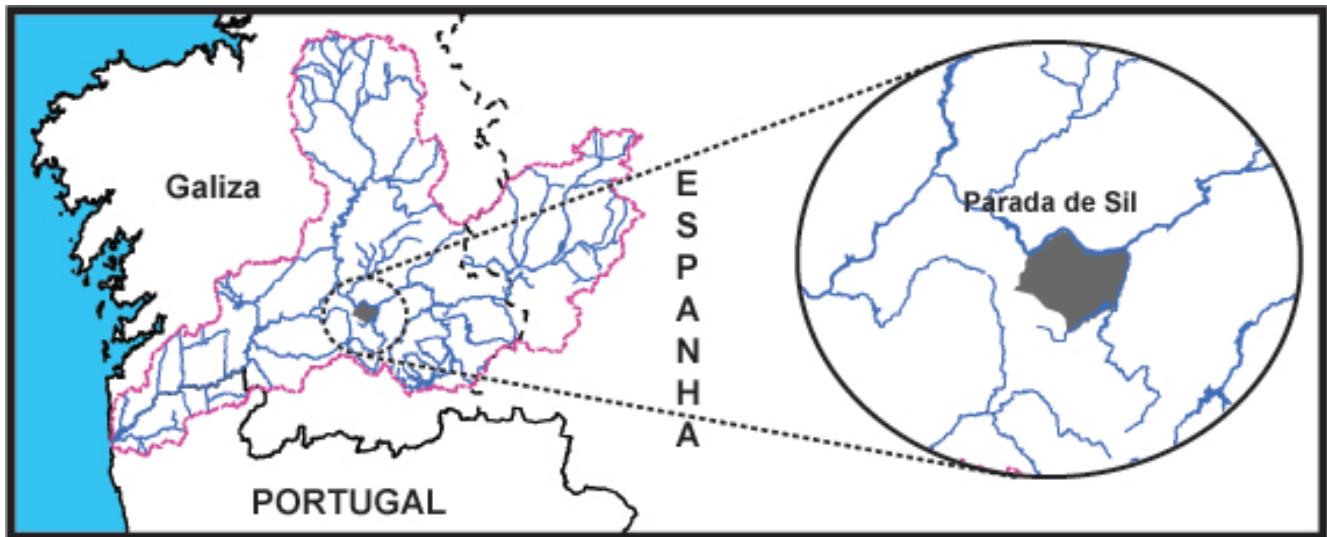


As Feiticeiras do Río Sil - Rio Sil

D

In que nun punto sin determinar con exactitude do río Sil, viven feiticeiras. Atraen ós mozos e sedúcenos coa súa voz. Quedan atrapados polo seu doce son e afogan e desaparecen no fondo do río para sempre. Hai unha maneira de evitar o encantamento: cruzar o río cunha pedra na boca. Así os mozos non poden falar e, se gardan silencio, o encantamento non se produce e poden chegar felizmente a outra beira.

(In – www.rios-galegos.com/lendas.htm)



Orixé do Canón do Sil - Parada de Sil

S

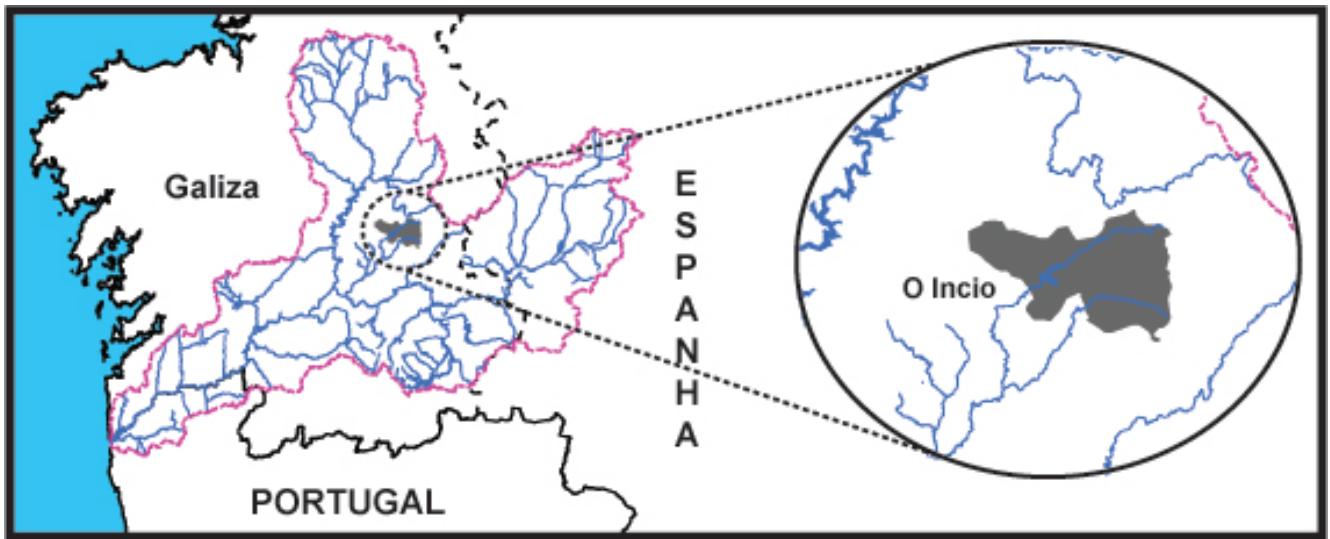
Sabemos por fontes de fiar que esta lenda non é tradicional pero pode chegar a selo se ten fortuna. Segundo opinións non contrastadas o deus Xúpiter achegouse a Galicia nunha viaxe de lóstrego, gustoulle o país e como proba da emoción que sentiu por esta terra púxolle unha marca que a fendeu diagonalmente; así naceu, seica, o río Miño.

Xuno, a esposa de Xúpiter, anoxouse tanto por esta apaixonamento que para vingarse atacou a Galicia e nun primeiro arrebato conseguiu facerlle unha fenda que hoxe coñecemeos coma o Canón do Sil.

O deus Xúpiter tomou a mal esta afrenta da súa muller e castigoua a vivir no canón ata que se arrepentise. Cando Xuno pediu perdón, o deus consentiu en que se convertise en río, O Sil, e mesmo que chegase a xuntarse con el, o río Miño, nos Peares.

Será lenda ou fantasía pero é bonito imaxinar que dous ríos, macho e femia, home e muller, deus e deusa, se transformen en amantes reconciliados.

(www.galiciaencantada.com)



As Pintas Vermellas das Troitas - O Incio

H

oubo nunha ocasión unha grande batalla entre homes da comarca e mouros. Os mouros vivían no Castro do Viso, no Incio. Por debaixo queda o río Mao. Tanto sangue se verteu, que foi dar o río, e deste ó Cabe, e do Cabe o Sil, e do Sil o Miño, e tódolos ríos avermellaron. As troitas teñen desde entón pintas vermelhas e no Mao non hai máis peixes ca elas. (www.rios-galegos.com/lendas.htm)